



PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA- PEDAGOGIA

Cruz das Almas
2023

Reitora

Georgina Gonçalves dos Santos

Vice Reitor

Fábio Josué Souza dos Santos

Pró Reitora de Graduação

Carolina Fialho Silva

Diretor do Centro de Formação de Professores-CFP

Creuza Souza Silva

Vice Diretor do Centro de Formação de Professores-CFP

Fernando Henrique Tisque dos Santos

Comissão de Elaboração do Projeto Político Pedagógico

ORDEM DE SERVIÇO Nº 150, DE 17 DE OUTUBRO DE 2023

Tiago Rodrigues Santos (Presidente)

Ana Paula Inácio Diório

Kássia Aguiar Noberto Rios

Lucas da Silva Maia

Maíra Lopes dos Reis

Yérsia Souza de Assis

SUMÁRIO

| | | |
|---------|--|-----|
| 1. | DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO | 6 |
| 2. | DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO | 6 |
| 3. | BASE LEGAL | 7 |
| 4. | HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO | 12 |
| 5. | JUSTIFICATIVA | 18 |
| 6. | OBJETIVOS | 29 |
| 7. | PERFIL DO EGRESSO | 30 |
| 8. | PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS, EPISTEMOLÓGICOS E PEDAGÓGICOS | 32 |
| 9. | POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA | 37 |
| 10. | ORGANIZAÇÃO CURRICULAR | 38 |
| 10.1. | ESTRUTURA CURRICULAR | 43 |
| 10.1.1. | REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PERCURSO FORMATIVO | 45 |
| 10.1.2. | COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS | 46 |
| 10.1.3. | COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS | 49 |
| 10.1.4. | ITINERÁRIO FORMATIVO | 51 |
| 10.2. | ATIVIDADES INTEGRADORAS/ARTICULADORAS | 54 |
| 10.3. | ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE CURSO | 56 |
| 10.4. | ATIVIDADES DE EXTENSÃO | 57 |
| 10.5. | ESTÁGIO CURRICULAR | 58 |
| 10.6. | PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR | 60 |
| 10.7. | TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO | 61 |
| 10.8. | METODOLOGIA | 63 |
| 11. | AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM | 64 |
| 12. | ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO AO DISCENTE | 66 |
| 13. | AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO | 69 |
| 14. | RECURSOS HUMANOS | 70 |
| 15. | INFRAESTRUTURA | 72 |
| | REFERÊNCIAS | 75 |
| | APÊNDICE I - CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES | 77 |
| | APÊNDICE II – RESOLUÇÕES DO CURSO | 170 |

APRESENTAÇÃO

O presente documento trata do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola – Pedagogia, do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB,) em conformidade ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR EQUIDADE (Edital N° 23/2023).

O PARFOR EQUIDADE é uma ação idealizada pela SECADI/MEC, realizada no âmbito do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) gerido pela CAPES.

Na UFRB, o PARFOR teve seu início no segundo semestre de 2009, com a oferta do curso de Licenciatura em Matemática. No primeiro semestre de 2010, iniciou-se o Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza; no início de 2011 iniciou-se o Curso de Licenciatura em Pedagogia; em 2016 iniciou-se o Curso Licenciatura em Pedagogia com Ênfase em Educação do Campo; e em 2018, iniciou-se a Turma de Licenciatura em Pedagogia PARFOR/CFP/Castro Alves.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) foi criada pela Lei 11.151, de 29 de julho de 2005, a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, tendo sede e foro no Município de Cruz das Almas (BA). A criação da UFRB decorre da proposta do governo federal de expansão e interiorização do ensino superior, sendo a segunda Instituição Federal de Ensino Superior instalada na Bahia. Sua história se inicia nas últimas décadas do século XX, marcada com manifestações da sociedade baiana, através de iniciativas da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, promovendo audiências públicas e de mobilização de parlamentares do Recôncavo da Bahia e do Vale do Jiquiriçá, em prol da criação de uma universidade nesta Região. Possui uma organização interna que permite grande possibilidade de inclusão social e promoção do desenvolvimento (territorial) do interior do estado. A natureza do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola está relacionada a três aspectos que o distingue:

1. PARCERIA UFRB/PARFOR –Será um curso oferecido pelo Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em adesão ao Plano Nacional de Formação dos

Professores da Educação Básica (PARFOR) por meio de parceria firmada com o Governo Federal, através da Capes, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e prefeitura do município de Bonito (40 vagas) , Cachoeira (40 vagas) e Irará (40 vagas) para atendimento de demandas de formação de professores (as) em exercício da Educação Básica pública de Escolas Quilombolas, conforme definição da Resolução nº 8/2012 do Conselho Nacional de Educação.

2. PÚBLICO-ALVO E LOCAL – O público Alvo do Curso serão 120 professores (as) dos municípios de Bonito (40 vagas), Cachoeira (40 vagas) e Irará (40 vagas). O local das aulas serão:

- a) **Bonito** – Colégio Municipal 13 de junho, em Bonito, possui a infraestrutura necessária para realização do curso.
- b) **Cachoeira** – Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB contem infraestrutura necessária para realização do Curso.
- c) **Feira de Santana** – O Centro de Tecnologia, Energia e Sustentabilidade (CETENS) da UFRB, há 50 km de Irará, contem infraestrutura necessária para realização do Curso.

Os municípios de Bonito, Cachoeira e Irará foram selecionados conforme itens 3.2 e 3.3, do Edital da Capes Nº 23/2023, conforme descrito no item 7 deste formulário. Além disso, considerou-se a possibilidade de incorporar as demandas dos municípios próximos ao município que sediará o curso, dada a presença de comunidades, escolas e população quilombola.

NATUREZA DA GESTÃO E FINANCIAMENTO – Será um curso de natureza semestral, carga horária, coordenação e financiamentos específicos da docência vinculados ao PARFOR (CAPES/MEC), e “Acordo” registrado em cartório entre municípios de Bonito, Cachoeira e Irará e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Nome: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Lei de criação: Lei 11.151, de 29/07/2005

Atos regulatórios vigentes:

Recredenciamento - Portaria 651 de 12/07/2018

Credenciamento EAD - Portaria 865 de 12/09/2013

2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Nome: Educação Escolar Quilombola

Código e-MEC: Apenas números. (consultar em [Cursos de Graduação](#))

Grau Acadêmico: Licenciatura

Modalidade: Presencial

Área de Conhecimento (CAPES): Educação

Título acadêmico conferido: Licenciado em Educação Escolar Quilombola

Duração: 08 semestres

Prazo máximo para integralização: 12 semestres.

Vagas ofertadas: 120 vagas (Processo Seletivo Especial PARFOR Equidade 2023)

Turno de funcionamento: Integral

Formato do curso: Alternância

Forma de ingresso: Processo Seletivo Especial

Regime letivo: Semestral

Endereço de funcionamento: **Endereço de funcionamento:** Av. Nestor de Melo Pita, 535 - Centro, Amargosa - BA, 45300-000.

Endereço eletrônico:

Sítio eletrônico: Informe o sítio eletrônico do Curso.

Distribuição de carga horária por atividades formativas:

| | |
|---|---------------------------|
| Componentes Curriculares Obrigatórios: | 3.026 horas |
| Componentes Curriculares Optativos: | 153 horas |
| Estágio Curricular Obrigatório: | 408 horas |
| Atividades Complementares de Curso: | 200 horas |
| Carga horária total do curso: | 3.379h horas |
| Percentual da carga horária destinada à Extensão: | 11,57% (391 horas) |
| Percentual da carga horária ofertada em EaD: | Não se aplica |

3. BASE LEGAL

a) Geral

- **Lei nº 9.394/1996** – LDB, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- **Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008**, que dispõe sobre o estágio de estudantes; que dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

- **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.
- **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**, que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- **Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004**, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- **Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012**, que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
- **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- **Resolução CNE/CES nº 07, de 18 de dezembro de 2018**, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação –PNE2014-2024 e dá outras providências.
- **Portaria MEC Nº 2.117, de 06 de dezembro de 2019**, que dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância – EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino.
- **Resolução UFRB/CONAC 004/2018**, que dispõe sobre a aprovação do Regulamento de Ensino de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- **Resolução UFRB/CONAC 016/2021**, que dispõe sobre as diretrizes para criação, reformulação e ajuste de Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
- **Resolução CONAC/UFRB nº 14/2009**, que dispõe sobre a inserção da Língua Brasileira de Sinais como componente curricular obrigatório para os cursos de Licenciatura e optativo nos cursos de Bacharelados e

Superiores de Tecnologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

- **Resolução UFRB/CONAC N° 003/2019**, que dispõe sobre o Regulamento de Atividades Complementares dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
- **Resolução UFRB/CONAC N° 004/2019**, que dispõe sobre o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - TCC da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- **Resolução UFRB/CONAC N° 005/2019**, que dispõe sobre a aprovação do Regulamento de Estágio obrigatório e não obrigatório dos cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- **Resolução UFRB/CONAC N° 025/2021**, que dispõe sobre a Política de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- **Plano de Desenvolvimento Institucional / UFRB (PDI) 2019-2030.**
- **Resolução da Alternância UFRB/CONAC n° 016/2019**, dispõe sobre a aprovação do Regulamento da Modalidade e Regime de Alternância nos cursos de Graduação de Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB);

b) Das Licenciaturas

- **Resolução CNE/CP N° 2, de 20 de dezembro de 2019**, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).
- **Resolução CNE/CP n° 02/2017**, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Resolução CNE/CEB n° 04/2010**, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

- **Resolução CNE/CP n.º 2/2002**, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.
- **Parecer CNE/CP nº 15/2017** - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação infantil e do ensino fundamental;
- **Parecer CNE/CP nº 15/2018**, que institui a Base Nacional Comum Curricular do ensino médio (BNCC-EM) e orienta aos sistemas de ensino e às instituições e redes escolares para sua implementação, em regime de colaboração entre os sistemas de ensino, nos termos do Art.211 da Constituição Federal e Art. 8º da Lei nº 9.394/1996 (LDB).
- **Resolução CNE/CP n.º 1/2005**, que altera a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura de graduação plena.
- **Diretrizes Curriculares Nacionais** da Educação Básica, conforme disposto na Resolução CNE/CEB nº 4/2010.
- **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
- **Resolução nº 1, de 9 de agosto de 2017**, que altera o Art. 22 da Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
- **Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999**, que dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

- **Decreto nº 4281 de 25 de junho de 2002**, que regulamenta a Lei 9.795/04/1999, que propõe integração da Educação Ambiental às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente.
- **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- **Decreto nº 7611/2011**, que dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.
- **Diretrizes Nacionais** para a Educação em Direitos Humanos, conforme disposto no Parecer CNE/CP nº 8/2012, que originou a Resolução CNE/CP nº 1/2012.
- **Proteção dos Direitos** da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conforme disposto na Lei nº 12.764/2012.
- **Condições de Acessibilidade** para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida conforme disposto na CF/88, art.205, 206 e 208, na NBR/ABNT nº 9050/2004, na Lei nº 10.098/2000 e nos Decretos nº 5296/2004, nº 6949/2009, nº 7611/2011 e na Portaria nº 3284/2003.
- **Portaria nº 4.059/2004**, que trata da oferta de componentes curriculares integrantes do currículo que utilizem modalidade semipresencial.
- **Portaria MEC/INEP nº 244/2013 e Portaria MEC/INEP nº 255/2014**, que dispõem sobre o componente de Formação Geral que integra o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes como parte integrante do Sistema Nacional de Avaliação.

c) Da Educação Quilombola

- **Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.
- **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012** - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

- **Parecer CNE/CEB nº 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020** – Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas.
- **Parecer CNE/CEB nº 3/2021, aprovado em 13 de março de 2021** – Reexame do Parecer CNE/CEB nº 8, de 10 de dezembro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas.
- **RESOLUÇÃO CEE/ CEB Nº 68 DE 20 DE DEZEMBRO DE 2013-** Estabelece normas complementares para implantação e funcionamento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, no Sistema Estadual de Ensino da Bahia.

4. HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) surgiu da reivindicação da comunidade em busca da democratização do acesso ao ensino superior na Bahia, tornando-se uma Instituição comprometida com a produção e difusão da ciência e da cultura e contribuindo com o desenvolvimento socioeconômico e cultural, especialmente, na região do Recôncavo Baiano. Sua efetivação deu-se em razão do Projeto de Expansão das Universidades Federais, por desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, que em março de 2005 havia ampliado suas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão com a criação de três novos cursos de graduação: Engenharia Florestal, Engenharia da Pesca e Zootecnia. Em 29 de julho de 2005, foi sancionada a Lei nº. 11.151, que criou a UFRB, sendo inaugurada em 2006, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A Universidade possui natureza jurídica de autarquia, encontra-se vinculada ao Ministério da Educação e tem sua administração central localizada no município de Cruz das Almas, a 146 quilômetros da capital do estado.

A UFRB surgiu com o compromisso de ofertar ensino superior de qualidade, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, além de exercer sua responsabilidade social no sentido de democratizar a educação, repartir socialmente seus benefícios, de forma a contribuir

para o desenvolvimento sustentável, cultural, artístico, científico, tecnológico e socioeconômico do país. Associa-se a estes propósitos seu papel de promotora da paz, defensora dos direitos humanos e da preservação do meio ambiente.

A UFRB nasce no Recôncavo baiano, uma região de vasta significação histórica e cultural, onde há uma grande diversidade de atividades religiosas, artesanais e artísticas, terreno fértil para invenção e reinvenção. Esta é uma região de encontro de diferentes povos africanos, indígenas e portugueses, na qual se origina uma sociedade culturalmente complexa e diversificada que traduz toda essa pluralidade nas formas de viver e crer das populações locais, traduzindo-se num legado de luta contra a intolerância que retrata o traço cultural dos povos que formam a sociedade do Recôncavo. A Universidade faz parte e se reconhece como parte dessa história, pois é fruto das aspirações e da mobilização das comunidades locais, sendo, portanto, herdeira das tradições culturais de luta do seu povo. (FRAGA, 2010).

Concebida como modelo multicampi, a Universidade, em sua etapa inicial de criação, esteve organizada em cinco centros de ensino, quatro destes localizados em municípios do Território de Identidade do Recôncavo: Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), situados em Cruz das Almas; Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), situado em Cachoeira; Centro de Ciências da Saúde (CCS), situado em Santo Antônio de Jesus. E, ainda, o Centro de Formação de Professores (CFP), situado na cidade de Amargosa, pertencente ao Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá.

Em 2006, a recém-criada Universidade implantou a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis - PROPAAE, uma iniciativa pioneira no âmbito das universidades federais que insere no contexto institucional questões relativas aos assuntos estudantis e à implementação de ações afirmativas. A Pró-Reitoria foi concebida com o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização, em parceria com vários segmentos, focadas no ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior. A realização dessas ações afirmativas visa ao reconhecimento da pluralidade da sociedade, compreendendo todos os grupos sociais como sujeitos com direito de acesso às políticas públicas e institucionais que visem à equidade.

Em 2007, no ensejo de ampliar sua oferta e estabelecer uma nova estrutura acadêmica, a UFRB aderiu ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Essa adesão conferiu à Universidade uma oportunidade de consolidação, proporcionando, além de ampliação quantitativa e organizacional, maior solidez acadêmica. Diferentemente das demais Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), a UFRB participou do REUNI em dimensão particularizada, tendo em vista tratar-se de uma instituição recém-criada, cujo processo não seria de reestruturação, mas efetivamente de estruturação, fundada em critérios mais racionais, potencializando-se a utilização da estrutura técnica e científica já instalada, oriunda da fase de implantação. Nesse viés, o REUNI representou uma expansão programada, na busca por melhores padrões de ensino e desenvolvimento das competências pedagógicas e viabilizando o ideário e a missão institucional.

Em 2009, ainda no contexto de reestruturação pedagógica dos cursos de graduação, buscando cumprir as metas do REUNI e almejando inovações no processo educacional do ensino superior, implantou-se na UFRB uma forma inovadora de acesso à universidade: cursos de Bacharelado Interdisciplinar, através de ciclos de formação, sendo um primeiro ciclo de formação geral e básica, assegurando acesso e capacitação para a formação específica em cursos profissionalizantes. Esse projeto foi estruturado com vistas a superar um sistema universitário linear, baseado em recortes profissionais. O regime em ciclos é adotado hoje pelos modelos mais avançados de educação em saúde do mundo, a exemplo da Harvard, Oxford, MacMaster e Maastricht.

No primeiro semestre de 2010, a UFRB tornou-se a primeira instituição baiana a adotar integralmente o Sistema de Seleção Unificada do MEC – SISU como única forma de ingresso, em substituição ao vestibular. Desde então, somente os candidatos que participem do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) podem disputar as vagas oferecidas para os cursos de graduação, podendo, inclusive, optar por concorrer a mais de um curso dentro da própria instituição, revelando o propósito da Universidade na busca da democratização do acesso e oportunizando o ingresso de estudantes oriundos do interior do estado e das classes sociais menos favorecidas.

Em 2012, a UFRB integrou-se ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), através da Portaria nº 127, de 28 de agosto de 2012, passando a oferecer cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. Também passou a prover a formação dos professores em Educação a Distância (EaD) e a permissão para articular cursos nos polos estaduais e municipais de apoio presencial da UAB.

Iniciou-se, em janeiro de 2013, a implantação dos Sistemas Integrados de Gestão (SIG) da UFRB, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O SIG é uma plataforma digital que busca unir a execução de diferentes tarefas e informatizar todos os processos da universidade, possibilitando visão estratégica institucional, utilização de métodos de controle mais eficazes, obtenção de informações de forma mais rápida e confiável e otimização dos processos de trabalho. É considerada uma peça fundamental para que a Universidade possa se organizar, sendo capaz de reduzir o retrabalho em suas tarefas operacionais, criar condições mais favoráveis para a execução dos seus processos e controlar os seus dispêndios. A implantação desse sistema foi realizada em várias etapas, tendo sido concluída recentemente com a ativação do protocolo eletrônico, através do qual todos os processos e documentos institucionais passam a ser tramitados exclusivamente no formato eletrônico, proporcionando a otimização dos fluxos das informações em todas as etapas e setores e possibilitando um melhor controle das atividades desenvolvidas.

No primeiro semestre letivo de 2013, a Federal do Recôncavo despontou como primeira universidade brasileira a aplicar integralmente a porcentagem de 50% das vagas ofertadas para o ingresso de alunos oriundos da rede pública de ensino e que se autodeclararem negros, pardos, índios-descendentes ou de outros grupos étnicos, conforme estabelecido na Lei nº. 12.711/2012 (Lei de Cotas). A Universidade, que já utilizava o sistema de cotas, passou a ser ainda mais inclusiva, defendendo, sobretudo, a ideia de que a política de democratização de acesso deve ser seguida de uma política de acolhimento e assistência estudantil que possibilite aos alunos igualdade de oportunidades, com foco no sucesso acadêmico desejado.

Em setembro de 2013, em função da dinâmica oriunda das políticas de educação superior, imprimindo um novo ciclo de expansão, inaugurou-se o Centro

de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), localizado no município de Feira de Santana, com a missão de contribuir com o desafio da questão energética e do semiárido, com matrizes sustentáveis; e o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), em Santo Amaro, com foco em estudos interdisciplinares nos campos da cultura, das tecnologias, das linguagens artísticas, da engenharia do espetáculo e da economia criativa. A criação desses centros impactou a dinâmica social e econômica da região e do estado da Bahia, por constituírem, notadamente, novos campos de desenvolvimento associados a aspectos intrínsecos à região do Recôncavo.

Setembro de 2013 registrou, ainda, um novo marco na história da Instituição: o credenciamento da UFRB junto ao Ministério da Educação, através da Portaria nº 865, de 12 de setembro de 2013, para oferta de cursos superiores na modalidade a distância e instalação de um polo de apoio presencial, atual polo de educação a distância, através da Portaria normativa nº 11, de 20 de junho de 2017, no campus de Cruz das Almas. Isso resultou na criação da Superintendência de Educação Aberta e a Distância (SEAD), através da Portaria nº 1015, de 28 de novembro de 2013. No mesmo ano, a UFRB participou do Plano Anual de Capacitação Continuada (PACC), do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), que posteriormente foi transformado em Curso Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (MOOCS). Atualmente esse programa conta com mais de 70.000 participantes e são ofertados nesta modalidade os cursos de Licenciatura em Matemática, Especialização em Mineração e Meio Ambiente, Especialização de Gestão em Saúde, Especialização em Tecnologias e Educação Aberta e Digital e Especialização em Inclusão e Diversidade na Educação. O ensino EaD da UFRB busca desenvolver e ampliar as formas de comunicação a distância, a desenvolver ecossistemas digitais de aprendizagem híbridos, diversificados, através de dispositivos interativos de webconferência, dispositivos móveis, ambientes educativos digitais, videoaulas, simpósios, seminários, entre outros, estabelecendo-se, inclusive, cooperação técnica, por meio de convênios e parcerias com outras instituições de ensino superior, nacionais ou internacionais, visando ao desenvolvimento e à oferta de atividades na modalidade a distância.

Em dezembro de 2013, registramos uma nova conquista da Universidade: a criação do curso de Medicina no Campus de Santo Antônio de Jesus, tornando-se o

primeiro curso de Medicina ofertado por uma Universidade Federal no interior da Bahia. 17 Instituiu-se com o objetivo de promover uma formação em cultura humanística, artística e científica, associando saberes relacionados à área da saúde e fomentando uma consciência cidadã.

Mantendo o seu pioneirismo, em cerimônia realizada em julho de 2014, a UFRB tornou-se a primeira instituição de ensino superior da Bahia a ganhar o Prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica e Tecnológica, categoria Mérito Institucional, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por apresentar o maior índice de estudantes titulados na pós-graduação, fato que reflete o reconhecimento do intenso trabalho realizado pela Instituição na busca por excelência e inclusão.

Com base no estímulo à cooperação internacional, a UFRB em 2017 assina o Protocolo de Intenções com a Universidade Aberta de Portugal, e o Termo Aditivo a instituir parceria para a oferta e gestão compartilhada da gestão administrativa, financeira e acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Tecnologias e Educação Aberta e Digital na modalidade EaD. No mesmo ano, a UFRB celebra o Convênio de Cooperação Técnica Administrativa, Científica e Cultural com a Universidade do Estado da Bahia, a fim de instituir parceria para a oferta e gestão compartilhada de cursos na modalidade a distância e semipresencial no Campus XV – UNEB Valença.

5. JUSTIFICATIVA

As comunidades quilombolas se formaram no Brasil desde o período colonial e foram uma das principais formas de resistência ao sistema escravista no Brasil. Séculos de re-existência se passaram, sofrendo perseguições, até que pela luta do Movimento Negro e das entidades de apoio, como a Comissão Pastoral da Terra, as comunidades quilombolas foram reconhecidas como sujeito de direito - pela primeira vez na História do País - na Constituição de 1988. Nos debates da Constituição de 1988 a pauta da questão da terra aparece interligada a pauta racial e étnica a partir da insurgência, na cena pública, quando as “comunidades remanescentes dos quilombos”, passaram a demandar do Estado reparação por meio da política de regularização fundiária e titulação das terras.

O artigo 68 dos “Atos das Disposições Constitucionais Transitórias” da Constituição Federal diz “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Em que se pese a demanda pela titulação as terras de quilombos seja uma das principais demandas das comunidades, no 1º Encontro das Comunidades Negras Rurais, realizado em Brasília, em 1995, o nascente movimento quilombola anunciava quatro áreas prioritárias às comunidades, quais sejam: a) Terra; b) Educação; c) Saúde; e d) Mulheres Negras (ARRUTI, 2022).

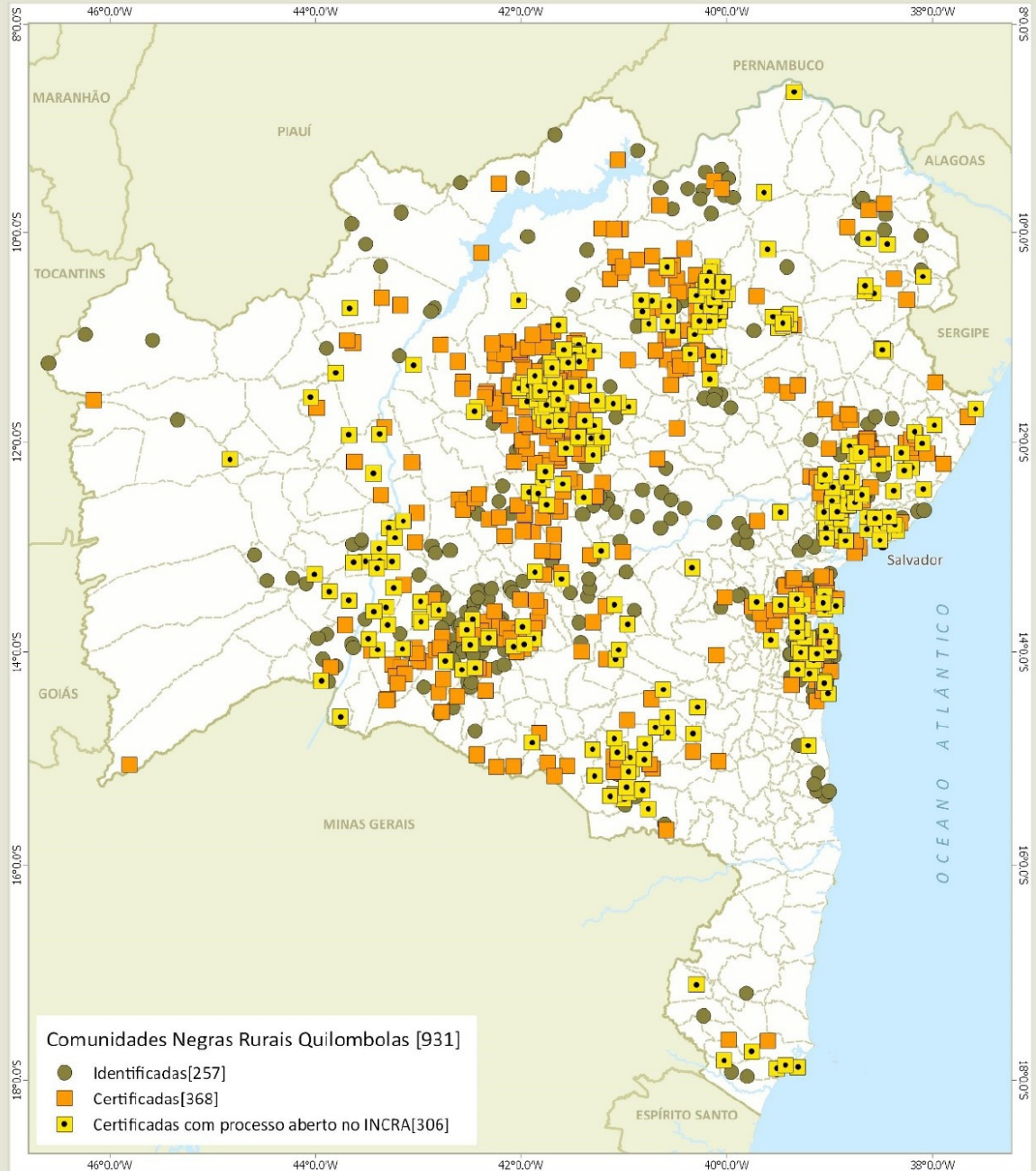
Embora o direito constitucional indique, diretamente, a regularização das terras como obrigação do Estado, de 1988 a 2003, portanto, 15 anos, apenas cinco comunidades haviam recebido a titulação definitiva das suas terras, duas no estado da Bahia. Apenas a partir de 2003, com o Decreto 4887/2003 - que regulamentou a regularização de terras para quilombolas e reconheceu o direito à auto atribuição - e, em 2004, com a estruturação do Programa Brasil Quilombola¹, que as políticas públicas começaram a ser articuladas para a população quilombola. Hoje, no Brasil, segundo o IBGE, temos 6.023 aglomerações quilombolas no País, dados do movimento negro apontam mais de seis mil comunidades quilombolas. A Fundação Cultural Palmares reconhece oficialmente, 3.502 comunidades quilombolas.

¹ Em 2023 foi editado o Programa Aquilomba Brasil, articulado pelo MIR.

Segundo o Censo do IBGE (2022), o Brasil possui 1.397.000 quilombolas em 23 estados da federação.

Na Bahia, segundo dados do GeografAR-UFBA, temos 937 comunidades quilombolas e o IBGE (2023) aponta 394 mil quilombolas no estado, o maior número entre todos os estados da federação. Assim, pelo número de comunidades quilombolas do estado e pelo volume populacional deste grupo, a conformação de políticas públicas educacionais cumpriria uma reparação histórica a este grupo social e, portanto, por si, só essa quantidade de quilombos e quilombolas justificaria um curso de licenciatura que atendesse a formação inicial de professores para atuar junto às comunidades quilombolas e à sua expressiva população conforme demonstra o mapa a seguir.

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBOLAS POR MUNICÍPIO, BAHIA, 2022



COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBOLAS POR MUNICÍPIO, BAHIA, 2022
FONTE DOS DADOS: Fundação Palmares, INCRA, GEOGRAFAR, 2022
ELABORAÇÃO: GeografAR por Laura Chamo, 2022



Porém, se a principal demanda das comunidades é por território, a educação diferenciada, portanto, específica para este grupo social, tornou-se uma demanda pública desde 1995, quando ocorreu o I Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas, em Brasília. Em 1995, a Carta do Encontro já enuncia:

[...] que o governo federal implemente um programa de educação 1º e 2º graus especialmente adaptado à realidade das comunidades negras rurais quilombolas, com elaboração de material didático específico e a formação e aperfeiçoamento de professores (CONAQ, 1995).

Em 1996, com Lei 9.394/1996, que institui a Lei de Diretrizes e Bases, o artigo 26-A indica que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Este artigo foi regulamentado na Lei 10639/2003 e na Lei 11.645/2008. Em que pese a necessidade de que na discussão da história da cultura afro-brasileira e indígena a questão da história dos quilombos no Brasil seja pressuposto, não há explícito a dimensão da educação diferenciada para aqueles povos.

Segundo Pimentel (2015), na preparação para a Conferência Nacional de Educação Básica (CONAE), ocorrida em 2010, o debate de uma educação diferenciada para as comunidades quilombolas - na esteira do que já havia sido feito para os povos indígenas - ganha corpo. Assim, em 2010, na Conferência é aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e naquele texto a Educação Quilombola ganha status de modalidade. O documento final da Conferência é enfático quanto à necessidade de formação inicial e continuada de professores de escolas quilombolas. A luta quilombola por uma educação diferenciada iniciada em 1995, passa a ser conformada nos marcos regulatórios nacionais para a educação, mas ainda sem efetividade e Diretriz própria.

Entre 2010 e 2011 ocorreram conferências na Bahia, Maranhão e Brasília, organizada pelo movimento quilombola sob o título “*Da educação quilombola que temos à educação quilombola que queremos*”, que serviu de base para em 2012 aprovar as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Com a aprovação da Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012, que aprovou as Diretrizes Nacionais Curriculares para Educação Escolar Quilombolas, o Estado

brasileiro atendeu a histórica reivindicação do movimento quilombola. Não por acaso, pelo quantitativo de quilombolas e quilombos, em 2013, a Bahia foi o primeiro estado a criar uma Diretriz própria para a Educação Escolar Quilombola a Resolução CEE/ CEB nº 68 de 20 de dezembro de 2013 e criar, na Secretaria de Educação do Estado, uma Coordenação de Educação Escolar Quilombola².

Um dos pontos fundamentais das Diretrizes, tanto a nacional quanto a estadual, situa-se na formação inicial e continuada de professores para atuação nas escolas das comunidades quilombolas.

Segundo o artigo 49 da Resolução 8/2012

Art. 49 Os sistemas de ensino, no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, deverão estimular a criação e implementar programas de formação inicial de professores em licenciatura para atuação em escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas ~~ou ainda em cursos de magistério de nível médio na modalidade normal, de acordo com a necessidade das comunidades quilombolas.~~

Dados do Censo da Educação Básica apontam a existência de 2.556 escolas quilombolas no Brasil. A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, CONAQ³, criou, em 2020, o Coletivo Nacional de Educação da CONAQ, instância responsável por pautar as demandas em torno da Educação Diferenciada. A Carta da 1ª Jornada Virtual do Coletivo de Educação Quilombola da CONAQ, em 2020, apontou com uma das demandas:

Que os Estados e Municípios impulsionem parcerias com as universidades para a elaboração de cursos de formação e a constante produção do conhecimento nas escolas quilombolas, sempre com a participação de professoras e professores, lideranças e estudantes quilombolas.

Apesar de ser modalidade aprovada em 2012, apenas a Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, possui um curso de Licenciatura em Educação

² Em 2023 foi criada no âmbito da Secretaria de Educação da Bahia a Coordenação de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Diretoria de Educação dos Povos e Comunidades Tradicionais.

³ Disponível em <http://jornadaquilombola.site.com.br/>

Escolar Quilombola. Neste sentido, compreendendo a história da formação territorial da Bahia e a formação de quilombos neste estado, a demanda histórica do movimento negro e quilombola por reparação e equidade, a reivindicação pelo direito à educação diferenciada e contextualizada, pelo quantitativo de quilombos na Bahia (973 comunidades) e quilombolas na Bahia (397 mil indivíduos autodeclarados) a Bahia, dentre outros pontos, acredita-se que seja imperiosa a existência de um Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola na Bahia, tendo a UFRB como proponente, tendo em vista que esta instituição aposta em uma concepção localizada de universidade e de conhecimento, sendo referência na adoção de ações afirmativas para o ingresso e formação de estudantes de escolas públicas, quilombolas, camponesas e indígenas, seu projeto político se compromete com a superação das desigualdades sociais através da educação, o que lhe confere o título de universidade mais negra e popular do Brasil.

Na Bahia, dados do Censo do INEP (2022), apontam a existência de 602 escolas quilombolas. Deste total de 602 escolas, dados da Secretaria de Educação do Estado indicam a existência de 41 escolas quilombolas estaduais, sendo que 33 são anexos de outras escolas. Entretanto, em que pese um conjunto de avanços na implementação da Diretriz, ainda carece, no território baiano, de cursos de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola. Mesmo com universidades, federais e estaduais, assim como Institutos Federais, não há na Bahia cursos de formação inicial específica para professores de escolas quilombolas. Portanto, há uma carência no cumprimento das Diretrizes.

Ao pensar o universo de 602 escolas no estado da Bahia, aponta-se que há, portanto, um grande potencial de absorção dos profissionais formados para atuarem nas escolas quilombolas, quer seja como docente quer seja na área de gestão de espaços escolares. Acrescenta-se que este número de 602 escolas é um dado em expansão, pois ano após ano esse “número” é acrescido com o autorreconhecimento de outras comunidades quilombolas e, por conseguinte, de escolas.

A UFRB nasce, em 2005, já tendo a vinculação com as políticas afirmativas, criando em sua estrutura a Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROPAAE), em 2006, dando continuidade às ações da Coordenação de Assuntos Estudantis e Ações Afirmativas. A Ação Afirmativa na sua forma de política de cotas

foi implementada junto com a criação da UFRB, portanto, a ideia de uma universidade que tem o território do Recôncavo como “região de aprendizagem” (UFRB, 2003). Não por acaso, no projeto de implementação da UFRB, tem-se como um dos seus princípios “[...] Adoção de Políticas Afirmativas de Inclusão Social” (UFRB, 2003, p.30).

Se a UFRB, pela sua vinculação histórica com as comunidades quilombolas assume as políticas afirmativas como marca do seu princípio, compreende-se que este conjunto de ações com comunidades quilombolas pode-se ampliado para a UFRB tem tido uma larga experiência com eventos, cursos de formação continuada, processo seletivo especial para pessoas oriundas de comunidades quilombolas, proposta de Especialização em Educação Escolar Quilombola e um Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola⁴. Por isso, dado a demanda social e a necessidade imperiosa de formação de professores para as escolas quilombolas, compreende-se que a proposição deste curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola, permite a UFRB avançar na vinculação com os territórios que está inserida, reafirmando a sua missão institucional.

Ademais, ao propor um curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola, a UFRB cumpre a missão institucional de vincular-se a política nacional de formação de professores com base na perspectiva da equidade, fortalecendo-se, portanto, a missão de ser agente tanto de desenvolvimento regional quanto de instigar formas de superação do racismo e das desigualdades sócio educacionais que se abate sobre as comunidades quilombolas.

Particularmente a UFRB está inserida nos Territórios de Identidade do Vale do Jiquiriçá, do Portal do Sertão e do Recôncavo. Este último assume importante papel na questão negra, e, quilombola, quer seja do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista antropológico, tendo em vista a emergência da discussão dos quilombos no mundo contemporâneo, após 1988 e 2003.

A tabela a seguir apresenta o quantitativo de comunidades quilombolas e de escolas quilombolas nos três territórios de identidade que a UFRB está inserida.

⁴ Para ver <https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/EEQ>

| QUADRO 01- Comunidades Quilombolas por Território de Identidade | |
|---|--------------------------------|
| Território de Identidade | Comunidades Quilombolas |
| Portal do Sertão | 19 |
| Recôncavo | 46 |
| Vale do Jiquiriçá | 2 |
| TOTAL | 67 |
| Fonte: GeografAR (2022) e FCP (2022) Elaboração: Tiago Rodrigues Santos, 2023. | |

Nos três Territórios de Identidade onde a UFRB possui campi, há 67 comunidades quilombolas e segundo dados do Censo Escolar 2022, existem 99 escolas quilombolas.

Dos três territórios elencados, podemos destacar dois com a presença de comunidades quilombolas e, por conseguinte, de escolas quilombolas e/ou que atendem estudantes oriundos de comunidades quilombolas. O primeiro é o Território do Recôncavo Baiano, onde destacam-se os municípios de Cachoeira, Santo Amaro, Maragogipe e São Félix, e b) no Território do Portal do Sertão destacam-se os municípios de Feira de Santana, Antônio Cardoso e Irará.

Além da presença de comunidades quilombolas, população quilombola e escolas quilombolas, dois dados educacionais nos municípios listados anteriormente nos dá a base para a proposição de curso de licenciatura em Educação Escolar Quilombola.

O primeiro dado diz respeito à Adequação da Formação Docente em alguns municípios dos Territórios de Identidade onde a UFRB possui campus. O Indicador “Adequação da Formação Docente”, construído pelo INEP/MEC, diz respeito à formação em nível de licenciatura e se os docentes formados atuam nas escolas conforme a sua formação inicial.

Ao se observar o quadro dois, nota-se que em alguns municípios, a exemplo de Iará, no Portal do Sertão, mais de 50% dos docentes que atuam na Educação Infantil não possuem licenciatura. Em Santo Amaro, município do Recôncavo Baiano, que conta com 28 escolas quilombolas, 49,5% na Educação Infantil dos professores não possuem licenciatura, 21,4% nos anos iniciais não possuem licenciatura, 20% nos anos finais não possuem licenciatura e 23% EJA Fundamental não possuem licenciatura. Este quadro indica, portanto, a necessidade de existência de cursos de Licenciatura nos territórios e, por conseguinte, uma formação específica para educação quilombola dada à presença histórica destas populações na construção destes territórios.

| QUADRO 2 – Quantidade de Comunidades Quilombolas, Escolas Quilombolas e Adequação da Formação Docente em Municípios do Território da UFRB | | | | |
|--|-------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|--|
| TERRITÓRIO DE IDENTIDADE | MUNICÍPIO | Quantidade de Comunidades Quilombolas | Quantidade de Escolas Quilombolas | Adequação da Formação Docente |
| PORTAL DO SERTÃO | ANTÔNIO CARDOSO | 5 | 8 | Sem Licenciatura 52% na Educação Infantil 40% nos anos iniciais 20% nos anos finais EJA Fundamental 42% |
| | FEIRA DE SANTANA | 3 | 26 | Sem Licenciatura 21% na Educação Infantil 18% nos anos iniciais 25% nos anos finais EJA Fundamental 42% |

⁵ Escolhemos o indicador “Sem Licenciatura” como o mais expressivo, compreendendo que a proposição de um curso de Licenciatura poderá auxiliar no cumprimento da Meta 15 do Plano Nacional de Educação que aponta “[...]que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam” (BRASIL, 2014).

| | | | | |
|--|------------------------|----|----|---|
| | IRARÁ | 5 | 6 | <p>Sem Licenciatura</p> <p>35% na Educação Infantil</p> <p>36% nos anos iniciais</p> <p>18% nos anos finais</p> <p>30% EJA Fundamental</p> |
| | CACHOEIRA | 17 | 15 | <p>Sem Licenciatura</p> <p>26% na Educação Infantil</p> <p>20% nos anos iniciais</p> <p>10% nos anos finais</p> <p>7% EJA Fundamental</p> |
| | MARAGOGI PE | 13 | 7 | <p>Sem Licenciatura</p> <p>39% na Educação Infantil</p> <p>33% nos anos iniciais</p> <p>17% nos anos finais</p> <p>35% EJA Fundamental</p> |
| | SANTO AMARO | 3 | 28 | <p>Sem Licenciatura</p> <p>49,5% na Educação Infantil</p> <p>21,4% nos anos iniciais</p> <p>20% nos anos finais</p> <p>23% EJA Fundamental</p> |
| RECÔNCAVO | SÃO FÉLIX | 8 | 3 | |
| Total | | 55 | 99 | |
| <p>Fonte: Fundação Cultural Palmares (2023) e Censo da Educação Básica (INEP, 2022) Elaboração: Comissão de Proposição do Projeto Político Pedagógico.</p> | | | | |

Outro indicador importante é o número de docentes com formação superior. A Meta 15 do Plano Nacional de Educação, realizado em 2014, previa que em um ano o Estado Brasileiro tivesse “ [...] assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam (Brasil, 2014). Entretanto, segundo dados do Relatório INEP, realizado em 2018, o Brasil tinha alcançado apenas 50,6% da meta e a Bahia apenas 28,9%. Quando nos deparamos com dados dos municípios com quilombos nos Territórios de Identidade onde a UFRB possui campus, O quadro 3, com base nos dados do Relatório PNE em Movimento, tem-se os seguintes dados:

| Municípios | Percentual de Professores com Formação em Licenciatura |
|-------------------|---|
| Antônio Cardoso | 29,7% |
| Cachoeira | 41,5 % |
| Feira de Santana | 39,6% |
| Irará | 29,3% |
| Maragogipe | 30,2% |
| Santo Amaro | 20,4% |
| São Félix | 31,1% |
| Média | 32,2% |

Nota-se, portanto, que a média dos municípios selecionados é de 30% da meta 15 do PNE, abaixo dos 50% para o Brasil e próximo dos 28,9% da Bahia. Dos oito municípios listados, apenas o município de Cachoeira tem uma média acima de 40%, enquanto em Santo Amaro, com a presença de 28 escolas quilombolas, apenas 20,4% dos docentes tinha formação em licenciatura em 2018.

Os dados expostos reafirmam, também, no campo da educação e da necessidade da vinculação da UFRB ao cumprimento das metas do PNE e do seu PDI a necessidade de abertura do curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola.

6. OBJETIVOS

Formar e habilitar professores/as pesquisadores/as em Licenciatura Escolar Quilombola no ensino superior, visando à atuação profissional nos anos iniciais do ensino fundamental sendo capaz de desenvolver projetos e ações escolares, bem como, atuar em projetos, pesquisas e atividades relacionadas às comunidades negras urbanas e rurais.

Esta formação busca, especificamente:

- Promover formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- Formar educadores para atuar nas escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas ou ainda em cursos de nível médio, de acordo com a necessidade das comunidades quilombolas.
- Habilitar profissionais com perfil interdisciplinar em Educação Escolar Quilombola, e competência técnica, domínio didático-pedagógico para o exercício da docência junto a instituições de educação básica, profissionalizante, pública, organizações sociais que desenvolvem educação não escolar em comunidades quilombolas.
- Desenvolver uma proposta curricular de estudos em Educação Quilombola em interface com os programas das diferentes disciplinas do currículo escolar de cada etapa da educação básica.
- Propiciar formação continuada dos educadores a partir da vivência comunitária e dos conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas em articulação com o conhecimento acadêmico.

7. PERFIL DO EGRESSO

O Licenciado em Educação Escolar Quilombola deverá ser capaz de desenvolver conhecimentos profissionais, pedagógicos e políticos orientados pelos princípios da Educação Quilombola conforme Art. 7º da Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Tendo em vista que esta modalidade educativa compreende o atendimento das escolas quilombolas e estudantes oriundos de territórios quilombolas, o egresso desta licenciatura terá uma formação voltada para contribuir nas seguintes ações:

- Desenvolver práticas educativas para o pleno desenvolvimento da formação humana dos estudantes na especificidade dos seus diferentes ciclos da vida;
- Elaborar projetos educativos coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver das crianças quilombolas nos diferentes contextos sociais;
- Utilizar metodologias e estratégias adequadas de ensino que visem à pesquisa, à inserção e à articulação entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos tradicionais produzidos pelas comunidades quilombolas em seus contextos sócio-histórico-culturais;
- Atuar junto à comunidade escolar na orientação e elaboração de projetos educativos vinculados aos saberes quilombolas, informando-se da memória coletiva, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural destes povos;
- Mediar à aprendizagem de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos, adequando as práticas pedagógicas aos tempos de vida e realidade dos sujeitos, em vista de fortalecer o seu desenvolvimento e suas aprendizagens;
- Oferecer condições de aprendizagem dos conteúdos previstas para Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, Artes, Corpo e movimento de maneira interdisciplinar adequando as diversas fases da vida;

O Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola formará o Licenciado para atuar em instituições escolares e não-escolares na docência

em educação no ensino básico nos anos iniciais do ensino fundamental, contemplando os processos educativos escolares no âmbito pedagógico, bem como na gestão de processos educativos da comunidade local e do seu entorno. O docente egresso deste curso será responsável pela sistematização e multiplicação de saberes, vinculados às comunidades quilombolas, atuando na educação formal e não formal e trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade.

8. PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS, EPISTEMOLÓGICOS E PEDAGÓGICOS

A UFRB, desde seu nascedouro, mas reafirmado no Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2030 (PDI 2023-2030) se baseia em alguns princípios, dos quais destacam-se: a democratização, a inclusão e autonomia.

UFRB assume a democratização, a inclusão e a autonomia como princípios fundantes no sentido de garantir que a formação conferida pela universidade não se restrinja à dimensão técnica, mas que a conjugue com as dimensões humanas e da equidade sob o propósito de favorecer o exercício de uma cidadania plena (Plano de Desenvolvimento Institucional, PDI 2019-230. P 25).

Coadunando com o PDI, esta proposta de Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola, proposto para o Edital PARFOR Equidade, cumprira estes princípios considerando que:

- a) O princípio da democratização se realiza na proposição de um curso que pode atender uma demanda reprimida de 397 mil quilombolas no estado da Bahia. Se considerarmos apenas os três territórios que a UFRB possui campus, a população quilombola chega a 50.000 pessoas (IBGE, 2023). Portanto, prevê-se, neste curso, a realização do PDI.
- b) Historicamente a população quilombola foi alijada do acesso ao Ensino Superior Público. A UFRB aparece com destaque pois foi uma das primeiras universidades brasileiras a criar uma pró-reitoria de ações afirmativas e assistência estudantil e criar vagas especiais para indígenas e quilombolas. Desta forma, a proposta de curso, ao incluir na graduação da UFRB uma demanda do movimento quilombola, que é a formação inicial específica para este público, cumpre um dos seus principais objetivos que é a inclusão.
- c) Como universidade enraizada na “região de aprendizagem” (Brasil, 2003), a proposição deste curso dialoga com a autonomia universitária de criar cursos que dialoguem com a realidade local e com a demanda social.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola aprovadas no ano de 2012 apresentam, em seu artigo 7º, vinte princípios que devem orientar essa modalidade de ensino. Os dois primeiros princípios destacam os direitos fundamentais à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade, além da garantia de uma educação pública, gratuita e de qualidade para as comunidades quilombolas. Na sequência, os princípios abordados dizem respeito ao reconhecimento da história e cultura africana e afro-brasileira como elementos fundamentais para a formação da sociedade, dando ênfase para a diversidade ético-racial como elemento enriquecedor da nossa construção social. Assim, aponta o combate a qualquer forma de discriminação e preconceito como um dos princípios para a Educação Escolar Quilombola (EEQ). Tais princípios são basilares para se pensar a modalidade de ensino de EEQ, visto que a própria constituição dos quilombos se dá

a partir da luta pelo direito à liberdade e defesa de um modo próprio de existir da população negra escravizada.

Na sequência os princípios incluem os direitos ambientais, econômicos, culturais e direito ao etnodesenvolvimento, compreendido como um direito ao modo próprio de produção das comunidades quilombolas. Demarca ainda o reconhecimento das comunidades quilombolas como territórios tradicionais que têm direitos à regularização dos seus territórios. Assim, o texto demarca a indissociabilidade dos processo de educação escolar com a luta das comunidades quilombolas, demandando assim uma educação que seja de fato libertadora, nos termos de Paulo Freire, e que dialogue com a realidade local.

Os princípios para a EEQ se comprometem ainda com a superação do racismo e qualquer forma de discriminação, descando o respeito à diversidade religiosa e o combate às práticas de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia.

Por fim, destaca o respeito aos tempos e modos de aprendizagem das pessoas quilombolas, observando que o sistema escolar precisa buscar pedagogias próprias para o trabalho com as comunidades quilombolas, construindo um diálogo com os conhecimentos tradicionais e as formas de educar e produzir em cada território. Dentre as concepções pedagógicas, apresentadas nas Diretrizes, o reconhecimento do trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas é de fundamental importância para esse diálogo entre os conhecimentos escolares e aqueles produzidos por cada território quilombola com vista à construção de práticas educativas que de fato respeitem e valorizem os territórios quilombolas e sua diversidade.

É neste conjunto de concepções e princípios que o Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola se baseia, consonante com a ideia do Edital PARFOR Equidade, nos quatro quesitos apontados no item 2.2 do referido Edital.

- a) Ofertar 120 vagas para professores de escolas quilombolas do estado da Bahia, compreendendo o universo de 937 comunidades negras rurais e quilombolas do estado, das quais 869 reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (Item I do 2.2. do Edital);
- b) Formar 120 docentes para atuação na Educação Básica das 622 escolas quilombolas da Bahia, sobretudo na Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (Item II do 2.2. do Edital);

- c) Implementar a matriz curricular da Licenciatura Educação Escolar Quilombola da Bahia, cumprindo a demanda de currículo de formação específica para quilombolas, em regime de Alternância. (Item III do 2.2. do Edital);

A UFRB hoje é composta por estudantes de graduação provenientes de 520 cidades, distribuídas em 25 unidades federativas. Do total, 93,2% são da região Nordeste, 92% da Bahia e 79,6% do interior do estado. - 62,9% são dos Territórios de Identidade: Recôncavo (36,3%), Vale do Jiquiriçá (13,7%) e Portal do Sertão (9%). Com 83,4% autodeclarados negros e 82% oriundos de famílias com renda total de até um salário mínimo e meio, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia tem um importante papel na interiorização do ensino superior, no desenvolvimento territorial e na materialização das políticas de ações afirmativas de acesso às instituições públicas de ensino superior. Especificamente para o público quilombola, a qual temos desenvolvido um conjunto de ações, quer seja de formação inicial (disciplina na Graduação), formação continuada, eventos de ensino, pesquisa e extensão;

No movimento de territorialização dos cursos por meio das ações indissociáveis de ensino, desenvolvidas por meio da Pedagogia da Alternância, da pesquisa, da extensão e das ações afirmativas, a UFRB adentrou as comunidades camponesas e as escolas do campo e vem desenvolvendo atividades de formação inicial e continuada de educadores em espaços escolares e não escolares em diversos territórios de identidade da Bahia, vinculados aos cursos de Educação do Campo e registrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) que se vinculam ao público-alvo dessa proposta. Dentro destas destacamos:

- a) **“Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola - Escola Quilombo UFRB 2023”**, cuja proposta de formação continuada visa contribuir no processo de reformulação curricular e na formação de professores/as, gestores/as, coordenadores/as e lideranças quilombolas das escolas e comunidades quilombolas da Bahia
- b) O **“Boletim Panorama Quilombola: bases para práticas pedagógicas em Educação Escolar Quilombola”** com o objetivo de realizar formação continuada de professoras/es das escolas quilombolas de Bonito (Ba), tendo como base as

Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e o Boletim Panorama Quilombola, publicados em 2021 pelo Afro-Cebrap, em parceria com LaPPa/CERES/UNICAMP; c) **Formação de Professores para Escolas Quilombolas no Município de Antônio Cardoso** ; com o objetivo de realização de formação continuada de professores de Antônio Cardoso, no Território do Portal do Sertão.

d) **Educação do Campo e Questão Agrária no Município de Itaguaçu da Bahia:** Associação Quilombola como espaço de formação e troca de conhecimentos; promovido pelo CETENS/UFRB, com objetivo de promover a troca de experiência entre os discentes de graduação da Educação do Campo com os membros da Associação Rural Quilombola Firmino Pereira Gomes na comunidade de Alegre, através de encontros formativos.

Em relação à eventos de extensão destacam-se os **Seminários de Educação e Escolas Quilombolas**, promovido pelo Centro de Formação de Professores, , em 2023, realizará a sua 4ª edição entre os dias 14 a 16 de dezembro, em Amargosa (Ba).

A Educação Escolar Quilombola também tem sido discutida e pensada desde a formação inicial dos estudantes dos Cursos de Licenciaturas em Educação do Campo (CFP e CETENS). No Centro de Formação de Professores, desde 2018, foi incorporada ao currículo do curso de Educação do Campo a disciplina **GCFP 804 – Educação Escolar Quilombola**, e tem sido referência nacional por ser o único curso de educação do campo do País a ter uma disciplina específica para educação escolar Quilombola entre os 63 cursos de educação do campo existentes.

No chão da escola por meio das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e Residência Pedagógica, nos quais muitos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, e que são quilombolas, desenvolvem suas ações teórico-práticas de formação no contexto das escolas quilombolas de suas comunidades

9. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

Além do tripé que caracteriza a Universidade Brasileira, qual seja: Ensino-Pesquisa e Extensão, a UFRB se constitui, ainda, pelas Políticas de Ações Afirmativas. Com 63 cursos presenciais de graduação e três cursos de Educação à Distância (EAD), somados à 20 Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu, a UFRB constitui-se de uma política de ensino que articula uma sólida compreensão teórica à dimensão da prática profissional e cidadã, vez que ações práticas dos cursos ocorrem em articulação com a demanda da sociedade local/regional. Exemplo desta articulação de uma política de ensino que se territorializa na região são espaços como a Fazenda Experimental e o Hospital Veterinário no Campus de Cruz das Almas, no Serviço de Psicologia, no Campus de Santo Antônio de Jesus. Mais particularmente nas licenciaturas a UFRB abarca os campos de estágios nas escolas dos municípios onde possui licenciatura e tem se destacado nas ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com ações em 21 municípios e do Programa Residência Pedagógica, com ações em 19 municípios da região. Ainda na dimensão do Ensino, a UFRB tem constituído políticas de monitoria, tendo criado a monitoria por pares, com o objetivo de reforçar as relações de ensino-aprendizagem e a afiliação estudantil.

Na ação de extensão, a UFRB possui a Pró-reitoria de Extensão e Cultura e que tem, junto aos Centros de Ensino, ensejado ações de extensão (Programas, Projetos, Cursos, Eventos, dentre outros). Particularmente tem ensejado a Política de Curricularização da Extensão, cumprindo a Meta do Plano Nacional de Educação e aplicando a Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018 e, para tanto criou o Guia da Curricularização da Extensão.

No campo da pesquisa, a UFRB tem se destacado com ações de pesquisa vinculadas à demanda social, especialmente nos territórios marcados pela forte presença da agricultura familiar e quem tem ensejado pesquisas, a exemplo no campo da Economia Solidária e no Desenvolvimento Local e Regional.

10. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola tem como objetivo proporcionar a formação de educadores para atuar em escolas quilombolas, ou em escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas na perspectiva de contribuir com a produção de conhecimentos científicos e os conhecimentos tradicionais produzidos pelas comunidades quilombolas em seus contextos históricos e socioculturais. Tomando como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica os eixos norteadores da organização curricular são de conteúdos gerais sobre educação, política educacional, gestão, currículo e avaliação; As concepções e princípios que fundamentam a Educação Quilombola; os estudos de metodologias e processos de ensino e aprendizagem voltada para esta oferta de educação, articulada aos conteúdos exigidos pelas diretrizes curriculares nacionais para formação inicial e continuada de professores. E principalmente todos os conhecimentos da memória, ancestralidade, oralidade, corporeidade, estética e cosmovisões produzidas pelos povos quilombolas ao longo da história do Brasil.

Os pressupostos de formação desta Licenciatura em Educação Escolar Quilombola parte da construção de condições reais de atendimento às especificidades que modalidade de ensino exige, assim, de modo a promover diversas formas de aprendizagens a estrutura pedagógica desta graduação se orienta pela Pedagogia da Alternância dos tempos formativos: Tempo Universidade (TU) - refere-se ao período em que os discentes permanecem na universidade, dedicados exclusivamente aos estudos teóricos e práticos. E o Tempo Comunidade (TC)-período de vivência nas escolas e comunidades quilombolas em que os discentes continuam o período letivo, com estabelecimento de relações entre os conteúdos teóricos estudados e a sua realidade, em articulação com Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária. A carga horária dos componentes curriculares alternam entre 34h, 68h, 85h e 136h a depender da natureza e núcleo de formação,

deste modo, em regime de alternância tais componentes terão a seguinte distribuição:

| QUADRO 4- DISTRIBUIÇÃO DOS COMPONENTES POR TEMPOS FORMATIVOS TU E TC | | |
|---|-------------------------|-----------------------|
| CARGA HORÁRIA TOTAL DOS COMPONENTES CURRICULARES | TEMPO UNIVERSIDADE (TU) | TEMPO COMUNIDADE (TC) |
| 34h | 17h | 17h |
| 68h | 34h | 34h |
| 85h | 51h | 34h |
| 136h | 68h | 34h |

Esses tempos formativos serão desenvolvidos em estruturas de ensino em espaços diferentes, mas fundamentais para produção de conhecimentos voltados para as comunidades quilombolas e, sobretudo, na possibilidade de integração das atividades acadêmicas. Durante o Tempo Universidade acontecem as aulas teóricas presenciais no espaço da universidade, e o Tempo Comunidade são realizadas as atividades teóricas e práticas nos espaços escolares dos cursistas sob a orientação dos docentes da universidade responsáveis pelos componentes, experiência que possibilita a aproximação da universidade com as escola da rede básica de ensino.

A estrutura de organização curricular da Licenciatura em Educação Escolar Quilombola segue a oferta em quatro núcleos formativos de componentes curriculares:

I. Formação Básica- Agrega os componentes curriculares com debates com princípios, concepções, conteúdos e critérios oriundos de diferentes áreas do conhecimento, trazendo para os discentes conhecimentos básicos para o entendimento das matérias do núcleo básico, além da iniciação e consolidação do exercício acadêmico da pesquisa e o aperfeiçoamento do uso da Língua Portuguesa, bem como, da diversidade de escrita de gêneros textuais em componentes curriculares específicos, além de conter a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Este Núcleo atenta para dar base aos discentes de temas e questões mais amplas, além da formação específica em Educação Quilombola.

II. Formação Social e Política em Educação Quilombola- Os componentes deste núcleo possibilitam a formação no que tange às especificidades da vida do educador de áreas quilombolas, permitindo-os compreender as bases socioterritoriais e políticas das sociedades brasileiras em uma perspectiva das relações étnico raciais. Está ancorado nos princípios bases da Educação do Quilombola, a saber: a memória coletiva; das línguas reminiscentes; os marcos civilizatórios; as práticas culturais; as tecnologias e formas de produção do trabalho; os acervos e repertórios orais; os festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; e a territorialidade. Nesse bojo, os componentes obrigatórios apresentam debates acerca da cultura corporal na perspectiva da diversidade de suas manifestações, ainda nessa dinâmica propõe reflexões sobre Educação das Relações Étnico-Raciais com discussões giram em torno da História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Racismo Estrutural no Brasil; Ideologia da Democracia Racial; Negritude e Escola; Cultura Negra e Educação Brasileira; Políticas Afirmativas em educação; Políticas Afirmativas para comunidades tradicionais; Comunidades Negras Rurais e quilombolas (debate que também é contemplado em componentes que discutem o território e questão agrária, inclusão produtiva e desenvolvimento local em comunidades tradicionais).

III. Formação Prático-Pedagógica em Educação Escolar Quilombola – Este núcleo possibilita a compreensão do fazer pedagógico e dimensionam os contextos escolares quilombolas e suas realidades. A educação é vista a partir das concepções e princípios da Educação Quilombola, permitindo uma reflexão e atuação de forma crítica no campo de atuação e investigações sobre processos educativos, organizacionais e de gestão na área educacional, nas estratégias de formação dos profissionais da educação – docentes –, permitindo uma qualificação capaz de redefinir suas práticas pedagógicas e a condução dos modelos de gestão escolar, permitindo a construção de novas bases de organização do trabalho pedagógico (escola e currículo).

IV. Formação Integradora e de Vivências- Núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular. Agrega os componentes de Socialização e Vivências momento de articulação entre as etapas formativas do Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Prevê também as Unidades Temáticas com estudo multidisciplinar que contemple discussões não debatidas nos componentes curriculares específicos e pedagógicos, além do Seminário de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Em consonância com a Resolução do CNE/CP 2, de 20 de Dezembro de 2019, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, os componentes curriculares foram distribuídos em núcleos, sendo que as dimensões dos componentes comuns preservam o que prevê o artigo 11 º, incisos de I a III, da Resolução citada.

| Componentes | Carga Horária |
|---|----------------------|
| <ul style="list-style-type: none">● Componentes Curriculares de Natureza Científico-Cultural, educacional e pedagógico que fundamentam a educação e suas articulações, e os componentes para aprendizagem dos conteúdos específico da área, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC farão parte dos Núcleos de:<ul style="list-style-type: none">➤ Formação Básica;➤ Formação Social e Política em Educação Quilombola; | 3.179h |

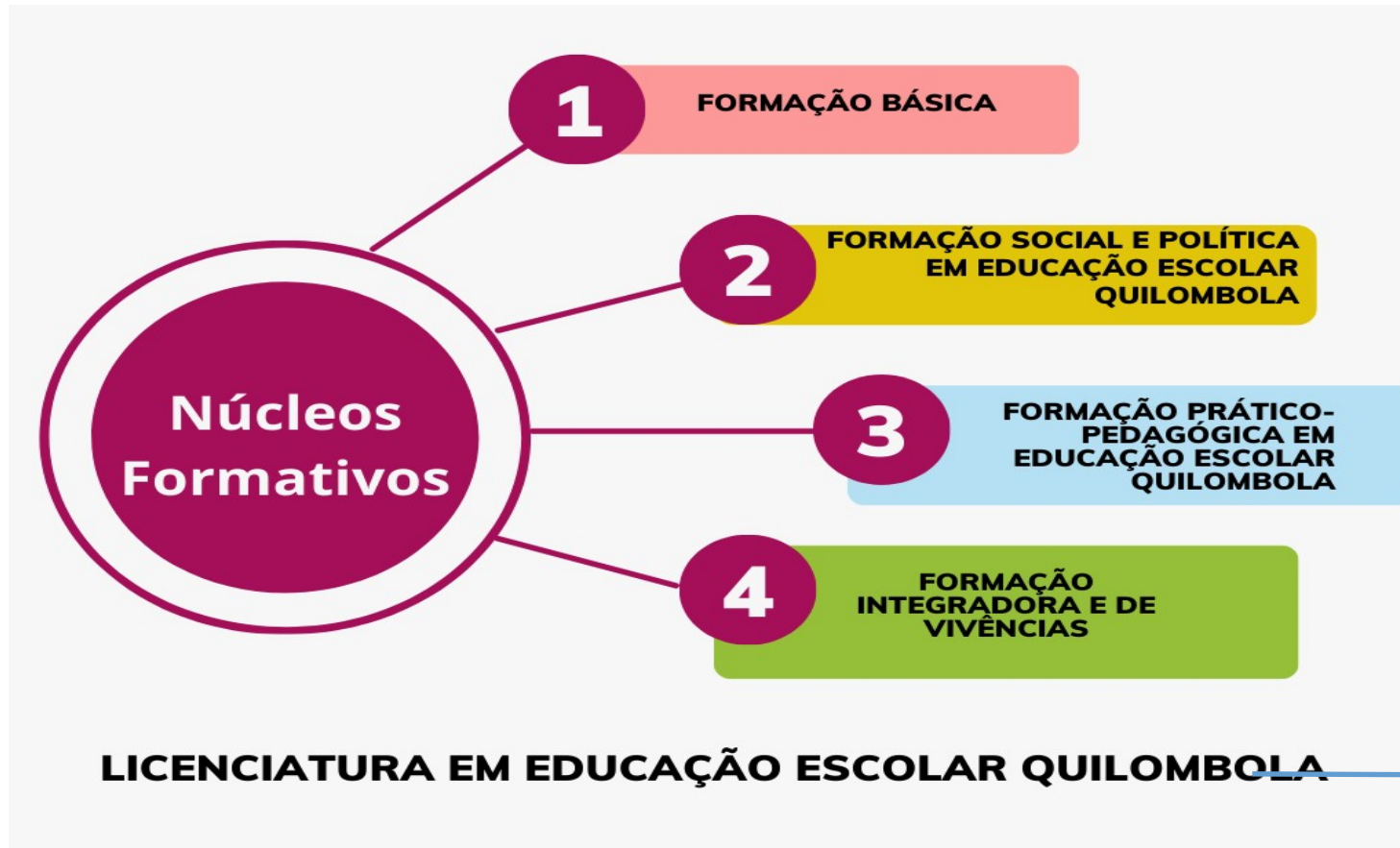
| | |
|--|---------------|
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Formação Prático-Pedagógica em Educação Escolar Quilombola; ➤ Formação Integradoras e de Vivências; | |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Práticas Pedagógicas</i>, a qual fará parte do Núcleo de Formação Prático-Pedagógica em Educação Escolar Quilombola; | 425 h |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Atividades Complementares de Natureza Acadêmico-Científico-Cultural</i>, as quais fazem parte do Núcleo de Formação Integradora e de Vivências. | 200h |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Estágio Curricular Obrigatório</i>, o qual faz parte do Núcleo de Formação Prático- Pedagógica em Educação Escolar Quilombola. | 408h |
| Carga Horária Total | 3.379h |
| Tempo de Integralização | 4 anos |

10.1. ESTRUTURA CURRICULAR

10.1.1. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PERCURSO FORMATIVO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

| I Semestre | II Semestre | III Semestre | IV Semestre | V Semestre | VI Semestre | VII Semestre | VIII Semestre |
|--|---|---|---|---|---|--|--|
| Concepções e Princípios da Educação Quilombola (68h) | Fundamentos da Filosofia e Educação Quilombola (68h) | Políticas Públicas para Educação Quilombola (68h) | Currículo e Educação Escolar Quilombola (68h) | Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Educação Quilombola (68h) | Prática Pedagógica I- Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Quilombola (85h) | Prática Pedagógica II - Gestão de Processos Educativos nas Comunidades Quilombolas (85h) | Prática Pedagógica III- Em Educação Escolar Quilombola (85h) |
| História da Educação e População Negra (68h) | Educação e Relações Etnicorraciais (68h) | Didática e Educação Quilombola (68h) | Infâncias Quilombolas e Educação Infantil (68h) | Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Literatura e Oralitura (85h) | Ensino e Aprendizagem da Matemática (85h) | Elaboração de Projeto de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola II (68h) | Estágio Supervisionado III (136h) |
| Leitura e Produção de Texto I (68h) | Leitura e Produção de Texto II (68h) | Elaboração de Projeto de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola I (68h) | Avaliação em Educação em espaços escolares: Quilombolas (68h) | Gestão das Escolas Quilombolas e Organização do Trabalho Pedagógico (68h) | Ensino e Aprendizagem das Ciências (85h) | Estágio Supervisionado II (136h) | Seminário de apresentação dos TCCs (34h) |
| Questão Agrária e Movimentos Sociais (68h) | Gênero, Sexualidade e Educação Quilombola (68h) | Sociologia e Educação Quilombola (68h) | Educação Inclusiva e Educação Quilombola (68h) | Ensino e Aprendizagem da Geografia (85h) | Estágio Supervisionado I (136h) | Unidade temática I (51h) | Unidade temática III (51h) |
| Diáspora Africana e Formação dos Quilombos nas Américas (68h) | Antropologia e Educação Quilombola (68h) | Psicologia da Educação e Educação Quilombola (68h) | Alfabetização e Letramento (68h) | Libras (68h) | Ensino e Aprendizagem da História (85h) | Unidade temática II (51h) | Corpo, Arte, Cultura e práticas educativas (68h) |
| Introdução aos Estudos Acadêmicos e Conhecimentos Tradicionais (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências I (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências II (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências III (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências IV (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências V (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VI (34h) | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VII (34h) |
| (374hs) | (374hs) | (374hs) | (374hs) | (408hs) | (510hs) | (425hs) | (340hs) |

| NÚCLEOS FORMATIVOS | | | |
|---|---|--|---|
| FORMAÇÃO BÁSICA (442hs) | FORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA (612hs) | FORMAÇÃO PRÁTICO-PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA (1.768hs) | FORMAÇÃO INTEGRADORA E DE VIVÊNCIAS (425hs) |
| Componentes Curriculares Obrigatórias: 3.026h | | | |
| Componentes Curriculares Optativas: 153h | | | |
| Atividades Complementares de Curso: 200 h | | | |
| CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 3.379hs | | | |



10.1.2. COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|--|----------------------------|-----------------|----------------------|
| | Concepções e Princípios da Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | História da Educação e População Negra | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Leitura e Produção de Texto I | Básica | I | 68h |
| | Questão Agrária e Movimentos Sociais | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Diáspora Africana e Formação dos Quilombos nas Américas | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Introdução aos Estudos Acadêmicos e Conhecimentos Tradicionais | Básica | I | 34h |
| | Fundamentos da Filosofia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Educação e Relações Étnico-raciais | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Leitura e Produção de Texto II | Básica | II | 68h |
| | Gênero, Sexualidade e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Antropologia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências I | Integradora e de Vivências | II | 34h |
| | Políticas Públicas para Educação Quilombola | Prático-pedagógica em | III | 68h |

| | | EEQ | | |
|--|--|----------------------------|-----|-----|
| | Didática e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | III | 68h |
| | Elaboração de Projetos de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola I | Básica | III | 68h |
| | Sociologia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | III | 68h |
| | Psicologia da Educação e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | III | 68h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências II | Integradora e de Vivências | III | 34h |
| | Currículo e Educação Escolar Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Infâncias Quilombolas e Educação Infantil | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Avaliação em espaços escolares Quilombolas | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Educação Inclusiva e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Alfabetização e Letramento | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências III | Integradora e de Vivências | IV | 34h |
| | Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | V | 68h |
| | Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Literatura e Oralitura | Prático-pedagógica em EEQ | V | 85h |

| | | | | |
|--|---|----------------------------|-----|------|
| | Gestão das Escolas Quilombolas e Organização do Trabalho Pedagógico | Prático-pedagógica em EEQ | V | 68h |
| | Ensino e Aprendizagem da Geografia | Prático-pedagógica em EEQ | V | 85h |
| | Libras | Básica | V | 68h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências IV | Integradora e de Vivências | V | 34h |
| | Prática Pedagógica I- Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem da Matemática | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem das Ciências | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Estágio Supervisionado I | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 136h |
| | Ensino e Aprendizagem da História | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências V | Integradora e de Vivências | VI | 34h |
| | Prática Pedagógica II- Gestão de Processos Educativos nas Comunidades Quilombolas | Prático-pedagógica em EEQ | VII | 85h |
| | Elaboração de Projeto de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola II | Básica | VII | 68h |
| | Estágio Supervisionado II | Prático-pedagógica em EEQ | VII | 136h |
| | Unidade Temática I | Integradora e de | VII | 51h |

| | | | | |
|--|--|----------------------------|------|------|
| | | Vivências | | |
| | Unidade Temática II | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VI | Integradora e de Vivências | VII | 34h |
| | Prática Pedagógica III- Em Educação Escolar Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | VIII | 85h |
| | Estágio Supervisionado III | Prático-pedagógica em EEQ | VIII | 136h |
| | Seminários de apresentação dos TCCs | Integradora e de Vivências | VIII | 34h |
| | Unidade Temática III | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Corpo, Arte, Cultura e práticas educativas | Prático-pedagógica em EEQ | VIII | 68h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VII | Integradora e de Vivências | VIII | 34h |

10.1.3. COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|--------------------------------------|----------------------------|-----------------|----------------------|
| | Afrofuturismos e Educação Quilombola | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Etnografia dos Povos Quilombolas | Integradora e de Vivências | VII | 51h |

| | | | | |
|--|---|----------------------------|------|-----|
| | Formação Territorial dos Quilombolas na Bahia. | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Tópicos Especiais em Educação Quilombola | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Tópicos Especiais em Educação Afros indígenas | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Direitos das Comunidades Tradicionais e Quilombolas | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Educação Ambiental em Comunidades Quilombolas | Integradora e de Vivências | VII | 51h |
| | Cartografias Sociais e Mapeamentos de Territórios Quilombolas | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Associativismo e Tecnologia Social | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Literatura Arte e Culturas Afro-brasileiras | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Educação Escolar Quilombola e Decolonialidade | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Mulheres Quilombolas e Interseccionalidade | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Racismo e Violência contra as Comunidades Quilombolas no Brasil | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |
| | Quilombismo e Circulação de Afetos na Educação | Integradora e de Vivências | VIII | 51h |

10.1.4. ITINERÁRIO FORMATIVO- NÚCLEOS DE FORMAÇÃO

FORMAÇÃO BÁSICA

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|---|---------------|-----------------|----------------------|
| | Leitura e Produção de Texto I | Básica | I | 68h |
| | Introdução aos Estudos Acadêmicos e Conhecimentos Tradicionais | Básica | I | 34h |
| | Leitura e Produção de Texto II | Básica | II | 68h |
| | Elaboração de Projetos e Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola I | Básica | III | 68h |
| | Alfabetização e Letramento | Básica | IV | 68h |
| | Libras | Básica | V | 68h |
| | Elaboração de Projetos e Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola I | Básica | VII | 68h |

FORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|---|--------------------------|-----------------|----------------------|
| | Concepções e Princípios da Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | História da Educação e População Negra | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Questão Agrária e Movimentos Sociais | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Diáspora Africana e Formação dos Quilombos nas Américas | Social e Política em EEQ | I | 68h |
| | Fundamentos da Filosofia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |

| | | | | |
|--|---|--------------------------|-----|-----|
| | Educação das Relações Étnico-raciais | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Gênero, Sexualidade e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Antropologia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | II | 68h |
| | Sociologia e Educação Quilombola | Social e Política em EEQ | III | 68h |

FORMAÇÃO PRÁTICO-PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|--|---------------------------|-----------------|----------------------|
| | Políticas Públicas para Educação Quilombolas | Prático-pedagógica em EEQ | III | 68h |
| | Didática e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | III | 68h |
| | Psicologia da Educação e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | III | 68h |
| | Currículo e Educação Escolar Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Infâncias Quilombolas e Educação Infantil | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Avaliação em Educação em espaços escolares Quilombolas | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |
| | Educação Inclusiva e Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | IV | 68h |

| | | | | |
|--|--|---------------------------|------|------|
| | Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | V | 68h |
| | Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Literatura e Oralitura | Prático-pedagógica em EEQ | V | 85h |
| | Gestão das Escolas Quilombolas e Organização do Trabalho Pedagógico | Prático-pedagógica em EEQ | V | 68h |
| | Ensino e Aprendizagem da Geografia | Prático-pedagógica em EEQ | V | 85h |
| | Prática Pedagógica I- Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Quilombola | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem da Matemática | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem das Ciências | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Estágio Supervisionado I | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 136h |
| | Ensino e Aprendizagem da História | Prático-pedagógica em EEQ | VI | 85h |
| | Prática Pedagógica II - Gestão de Processos Educativos nas Comunidades Quilombolas | Prático-pedagógica em EEQ | VII | 85h |
| | Estágio Supervisionado II | Prático-pedagógica em EEQ | VII | 136h |
| | Prática Pedagógica III- Em | Prático- | VIII | 85h |

| | | | | |
|--|--|---------------------------|------|------|
| | Educação Escolar Quilombola | pedagógica em EEQ | | |
| | Estágio Supervisionado III | Prático-pedagógica em EEQ | VIII | 136h |
| | Corpo, Arte, Cultura e práticas educativas | Prático-pedagógica em EEQ | VIII | 68h |

FORMAÇÃO INTEGRADORA E DE VIVÊNCIAS

| Código | Nome do Componente | Função | Semestre | Carga-Horária |
|---------------|---|----------------------------|-----------------|----------------------|
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências I | Integradora e de vivências | I | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências II | Integradora e de vivências | II | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências III | Integradora e de vivências | III | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências IV | Integradora e de vivências | IV | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências V | Integradora e de vivências | V | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VI | Integradora e de vivências | VI | 34h |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VII | Integradora e de vivências | VII | 34h |
| | Unidade temática I | Integradora e de vivências | VII | 51h |
| | Unidade temática II | Integradora e de vivências | VII | 51h |
| | Unidade temática III | Integradora e de vivências | VIII | 51h |

| | | | | |
|--|------------------------------------|----------------------------|------|-----|
| | Seminário de apresentação dos TCCs | Integradora e de vivências | VIII | 24h |
|--|------------------------------------|----------------------------|------|-----|

10.2. ATIVIDADES INTEGRADORAS/ARTICULADORAS

O Núcleo das Atividades Integradoras se referem aos componentes dos: Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências, as unidades temáticas e os Seminários de apresentação conclusão de curso. Essas atividades são eixos de construção da Alternância e dos tempos formativos do Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade. Outra ação integradora são os projetos de vivência e práticas nas escolas e comunidades quilombolas dos cursistas. Nos componentes dos núcleos formativos integradores são os espaços onde se estabelecem os vínculos necessários entre os conteúdos e a realidade, para a articulação e conexões entre a universidade e os espaços de vivência da prática docente, trabalhamos com os eixos temáticos, para construção de objetos geradores em cada etapa do curso, sempre a partir de pesquisas sobre a realidade das escolas e espaços formativos das comunidades quilombolas. A relação entre os tempos formativos universidade e comunidade terão eixos integradores para trabalhar os componentes curriculares a cada semestre letivo do curso, assim têm-se o eixos:

Eixo 1- Construindo a trajetória na Educação Quilombola;

Eixo 2 - Territórios de Lutas e Memórias dos povos quilombolas;

Eixo 3- Educação Escolar Quilombola: Política Pública e espaços de disputas;

Eixo 4- Educação Escolar Quilombola: Infâncias negras e Inclusão;

Eixo 5 e 6 - Educação Escolar Quilombola espaço de luta, investigação e formação docente;

Eixo 7- O Quilombo e a Escola espaços de emancipação dos povos e combate ao racismo.

Eixo 8- Arte, Cultura e práticas educativas para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola.

O desenvolvimento de cada um desses eixos se dará nas conexões entre os componentes curriculares de cada semestre letivo, tendo os Seminários de Conjuntura, Socialização e Vivências o espaço/momento de socialização e reflexões das atividades no Tempo Universidade e Tempo Comunidade.

10.3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE CURSO

As Atividades Complementares (AC) do curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombolas atende ao disposto na legislação nacional, nas diretrizes do curso, na Resolução CONAC nº 03/2019 que regulamenta as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação da UFRB.

As Atividades Complementares do Curso possuem o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos quanto à sua formação profissional, permitindo a sua diversificação e enriquecendo a formação oferecida na graduação, abrindo perspectivas nos contextos socioeconômico, técnico-científico e cultural da área profissional escolhida, através da participação do corpo discente em tipos variados de eventos. As atividades Complementares do Curso – ACC são desenvolvidas ao longo do curso, devendo o discente totalizar 200 (duzentas) horas, conforme estabelecido no projeto Político-Pedagógico. A escolha das atividades complementares dependerá da iniciativa e do dinamismo de cada aluno, que deve buscar as atividades que mais lhe interessam participar e que dialoguem com a realidade das escolas quilombolas.

10.4. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A UFRB tem como missão institucional exercer de maneira integrada e com qualidade, as atividades de ensino, pesquisa e extensão com propósito de promover o desenvolvimento científico e cultural na formação dos cidadãos. No âmbito do curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola diversas ações de extensão serão realizadas com objetivo de contribuir na formação dos discentes, de forma

contextualizada com a realidade social, envolvendo movimentos sociais, as comunidades, e a rede pública de ensino.

A Curricularização da extensão está definida no Plano Nacional de Educação 2014/2024 (PNE - Lei 13.005) e assegura que, no mínimo, 10% da carga horária total dos cursos de graduação sejam a partir de projetos e programas de extensão universitária. Considerando o perfil deste curso, as atividades de extensão estão inseridas na Matriz Curricular, distribuídas ao longo do processo de formação e serão realizadas de modo indissociável com as atividades de ensino, nos componentes curriculares obrigatórios, unidades temáticas, através de programas e projetos institucionais, Trabalho de Conclusão de Curso, pesquisas e atividade de natureza científica, técnica e cultural. Os discentes do curso participarão dos projetos institucionalizados coordenados pelos docentes UFRB, e dos projetos integradores de cada etapa formativa do Tempo Comunidade que serão registrados na Pró-Reitoria de Extensão e desenvolvidos na localidade dos discentes, como uma forma de alinhar às demandas da sociedade. Seguindo o que está disposto na resolução CONAC 25/2021 da UFRB que dispõe sobre a regulamentação da Política de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e dá outras providências, e a Resolução CONAC/UFRB nº 057, de 23 de maio de 2022 que dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) alguns componentes curriculares terão carga horária destinada à extensão e serão vinculados aos programas de pesquisa e extensão dos docentes que atuarem nesta licenciatura.

A Curricularização da Extensão neste curso, - considerando a sua carga horária total de 3.379 horas - dá-se com 391 horas de atividades de extensão que representa 11,57 % de sua carga horária total. Para fins de Curricularização da Extensão com componentes curriculares que compõe o núcleo de formação integrador e de vivências estarão interligadas a projetos e programa de extensão.

| QUADRO 2 - COMPONENTES CURRICULARES PARA FINS DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA | | | | | |
|--|---|----------------------|----------|--------------|------------|
| Código | Componentes Curriculares de natureza Extensionista | Carga Horária | | | |
| | | T | P | TOTAL | EXT |
| | Seminário de Conjuntura, | 34 | - | 34 | 34 |

| | | | | | |
|--------------|---|----|---|----|-----|
| | Socialização e Vivências I | | | | |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências II | 34 | - | 34 | 34 |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências III | 34 | - | 34 | 34 |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências IV | 34 | - | 34 | 34 |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências V | 34 | - | 34 | 34 |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VI | 34 | - | 34 | 34 |
| | Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VII | 34 | - | 34 | 34 |
| | Unidade temática I | 51 | - | 51 | 51 |
| | Unidade temática II | 51 | - | 51 | 51 |
| | Unidade temática III | 51 | - | 51 | 51 |
| TOTAL | | | | | 391 |

Com base no quadro acima, temos a oferta de 391 horas de componentes curriculares para ações de extensão junto as comunidade e escolas quilombolas.

10.5. ESTÁGIO CURRICULAR

O Estágio curricular supervisionado da Licenciatura em Educação Escolar Quilombola considerando especialmente a Resolução CONAC 005/2019, que dispõe sobre regulamento de estágios obrigatórios e não obrigatórios da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB define o estágio como ato educativo supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho e que integra o itinerário formativo dos discentes previstos no projeto pedagógico do curso. O Estágio Supervisionado realizar-se-á em três semestres (iniciado no sexto semestre do curso) com carga horária total de 408 horas (quatrocentos e oito horas). A carga horária total divide-se em três estágios de 136 horas (cento e trinta e seis horas) cada, realizados em ambientes escolares e não-escolares. As disposições dos estágios curriculares obrigatórios constituem-se nos seguintes campos: Estágio Supervisionado em Educação Básica Quilombola I e Estágio Supervisionado em Educação Básica Quilombola II referentes a docência e gestão de processos educativos nos Anos

iniciais do Ensino Fundamental; Estágio Supervisionado em Comunidade, que versa sobre a gestão de processos educativos em espaços não escolares de Educação Quilombola;

A prática de orientação/supervisão de estágio supervisionado será desenvolvida por docentes licenciados, vinculados ao Colegiado do referido curso, nas diversas áreas do conhecimento e seus agentes integradores. Na perspectiva assumida pelo curso que é a da Pedagogia da Alternância, as atividades docentes se efetivam nos tempos de orientação do Estágio e no acompanhamento das atividades do Estagiário, considerando ações no Tempo Universidade e no Tempo Comunidade. A orientação e acompanhamento do estágio dar-se-á em consonância com condições objetivas de seu desenvolvimento, conforme as seguintes modalidades: I. Orientação direta: acompanhamento e orientação do planejado por observação contínua e direta das atividades ocorrentes nos campos de estágios ao longo de todo o processo, podendo ser complementada com entrevistas e reuniões, no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e/ou no campo de estágio; II. Orientação semidireta: acompanhamento e orientação do planejado por meio de visitas sistemáticas ao campo de estágio pelo professor-supervisor, que manterá também contatos com o profissional responsável pelo(s) estagiário(s), além do complemento de entrevistas e reuniões com os discentes. III. Orientação indireta: acompanhamento feito via relatórios ou visitas ocasionais aos campos de estágio onde se processarão contatos e reuniões com o profissional responsável. O Estágio Supervisionado será amparado pelo termo de compromisso, celebrado entre a unidade concedente, o coordenador do curso e o estagiário. É requisito obrigatório que as instituições e/ou empresas cedentes possuam convênios de estágios firmados com a UFRB, conforme previsto no Estatuto e Regimento desta Universidade. As instituições e/ou empresas indicadas devem atender às condições previstas neste Regulamento na Resolução CONAC 005/2019 e aos requisitos para formação acadêmico-profissional definidos no Projeto Pedagógico de Curso.

10.6. PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

A prática como componente Curricular é o elo entre as disciplinas de conteúdo específico com os componentes de caráter pedagógico, experiência formativa que

oportuniza o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação docente. De acordo a Resolução CNE/CP 2/2019. Os componentes curriculares relacionados à prática pedagógica fazem parte do Grupo III conforme Art. 11. Que devem compor 800 (oitocentas) horas, práticas pedagógicas, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora. Ainda de acordo com as diretrizes curriculares para formação inicial de professores a prática deve fazer a integração entre a teoria e a prática, tanto no que se refere aos conhecimentos pedagógicos e didáticos, quanto aos conhecimentos específicos da área do conhecimento ou do componente curricular a ser ministrado;, bem como na centralidade da prática por meio de estágios que enfoquem o planejamento, a regência e a avaliação de aula, sob a mentoria de professores ou coordenadores experientes da escola campo do estágio, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Deste modo, neste projeto as práticas pedagógicas como componente curricular somam 425 horas inseridas no Núcleo de Formação Prático-Pedagógica em Educação Escolar Quilombola e distribuídas da seguinte forma:

| QUADRO 3- COMPONENTES CURRICULARES CARGA HORÁRIA PRÁTICA DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA | | | | |
|--|---|---------------|----|-------|
| Código | Componentes Curriculares de natureza prático pedagógica | Carga Horária | | |
| | | T | P | TOTAL |
| | Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Literatura e Oralitura | 51 | 34 | 85 |
| | Ensino e Aprendizagem da Geografia | 51 | 34 | 85 |
| | Prática Pedagógica I- Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Quilombola | - | 85 | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem da Matemática | 51 | 34 | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem das Ciências | 51 | 34 | 85h |
| | Ensino e Aprendizagem da História | 51 | 34 | 85h |

| | | | | |
|--------------|--|------------|------------|-------------|
| | Prática Pedagógica II - Gestão de Processos Educativos nas Comunidades Quilombolas | - | 85 | 85h |
| | Prática Pedagógica III- Em Educação Escolar Quilombola | - | 85 | 85h |
| TOTAL | | | | |
| | | 255 | 425 | 680h |

10.7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Educação do Escolar Quilombola se constitui como instrumento obrigatório para a integralização curricular em consonância com a Resolução N°004/2019 que dispõe sobre o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, deve apresentar caráter monográfico, científico e pedagógico e ser elaborado de maneira individual.

O TCC tem como objetivo propiciar ao discente a experiência no desenvolvimento de pesquisas necessárias para o bom desempenho profissional e acadêmico deve estar articulado às várias dimensões trabalhadas ao longo do curso, na forma de produtos que abordem a realidade da Educação Escolar Quilombolas e suas múltiplas dimensões.

A estrutura organizacional sobre a qual se baseia o acompanhamento dos TCC's envolve o Colegiado do Curso, a Comissão Coordenadora de TCC, os Professores dos Componentes Curriculares relacionados à produção da monografia, o Professor orientador e co-orientador (se houver) e o Graduando.

A orientação de TCC será realizada por um docente do quadro efetivo de professores da UFRB. Cada aluno deverá escolher o orientador do seu trabalho de acordo com área de interesse da pesquisa e a disponibilidade do orientador. Ao escolher o seu orientador, o aluno deverá, para esse efeito, realizar convite formal, acompanhado de pré-projeto.

Cabe ao professor orientador colaborar com o aluno na definição do tema da monografia; avaliar a viabilidade do projeto de monografia; aprovar, acompanhar e orientar o roteiro da pesquisa, o plano de trabalho e o cronograma de atividades

propostas no pré-projeto monográfico; indicar fontes bibliográficas; avaliar as etapas do desenvolvimento da monografia, fazendo intervenções sobre o conteúdo, normas técnicas de apresentação e redação do texto.

Cabe ao graduando, dentre outros, definir o tema do trabalho e analisá-lo com o orientador; escrever o TCC e apresentar ao Colegiado do seu Curso o trabalho monográfico; realizar a apresentação pública do trabalho; cumprir os horários e cronograma de atividades estabelecidos pelo Professor Orientador, e ainda, comunicar ao Colegiado do Curso e à Comissão de TCC possíveis incidentes quanto à orientação.

Cabe aos professores dos componentes curriculares coordenar as atividades de orientação e avaliação das monografias produzidas pelos alunos; elaborar um calendário das atividades referente ao desenvolvimento da monografia; e convidar, sempre que necessário, os professores orientadores dos alunos matriculados no componente curricular, para discussão em sala.

A Comissão Coordenadora do TCC será instituída por três docentes em reunião de colegiado, para cada turma de concluintes. Caberá a Comissão de TCC, dentre outras funções, encaminhar para o Colegiado de Curso a lista com os nomes dos discentes inscritos para o TCC com seus respectivos temas e orientadores e, divulgar o calendário do TCC a ser cumprido por discentes e docentes orientadores.

O TCC deve ser apresentado de forma oral e publicamente, sendo avaliado por banca examinadora formada por três membros, sendo um deles professor orientador e os demais indicados por ele e homologados pelo Colegiado do Curso. Após a aprovação do TCC, o discente deve encaminhar ao colegiado no prazo máximo de trinta dias uma mídia digital da monografia para registro e publicização com a autorização prévia do autor, as monografias serão publicadas na página do Curso na internet.

10.8. METODOLOGIA

A metodologia do curso baseia na Pedagogia da Alternância, que se refere a uma forma de organização dos processos políticos e pedagógicos, estruturados em diferentes tempos e espaços formativos, denominados de Tempo Universidade e Tempo Comunidade. O *Tempo Universidade* (TU) refere-se ao período em que os discentes permanecem na universidade, dedicados exclusivamente aos estudos

teóricos e práticos. E o *Tempo Comunidade* (TC) refere-se ao período de vivência na comunidade em que os discentes continuam o período letivo, com estabelecimento de relações entre os conteúdos teóricos estudados e a sua realidade, com análise dos aspectos da produção e da reprodução da vida do/no campo, em articulação com Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária. As atividades realizadas pelos discentes no Tempo Comunidade devem ter o acompanhamento e a orientação presencial dos docentes nos locais de origem dos discentes, a partir das condições objetivas garantidas pela universidade e seus parceiros institucionais. Com essa iniciativa, os docentes do curso potencializam o acompanhamento dos estudantes durante o intervalo entre as etapas de ensino presencial (TU), dando continuidade aos diálogos iniciados e potencializando novos debates, sendo um diferencial entre os cursos de Graduação na UFRB. Neste âmbito, são atribuições dos docentes enviar textos de leitura, eventos, notícias, atividades e acompanhar a participação dos(as) discentes, acessando os relatórios de atividades e orientando projetos de pesquisa e extensão. Ainda acompanhar e orientar os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Assumindo a práxis da Pedagogia da Alternância, as estratégias pedagógicas dos docentes têm como orientação a habilidade pedagógica para alternar períodos de aprendizagem no meio sócio profissional, na comunidade e na universidade; desenvolvimento de atividades que relacionem a reflexão e a ação, partindo de uma visão empírica para uma sistematização científica; conceber os momentos presenciais, as orientações e acompanhamentos no Tempo-Comunidade como espaço de reflexão e problematização da realidade, de modo a nortear as aprendizagens e aprofundamentos necessários à formação docente; proporcionar um amadurecimento intelectual através do exercício da pesquisa, da reflexão, do registro e da elaboração de síntese; propor atividades que desenvolvam a fluência na comunicação oral e escrita; orientar formulação de projetos de educação que primem pela organização e planejamento de uma intervenção coletiva na realidade campesina e na superação das dificuldades do homem do campo; organizar os planos de ensino de modo que possibilite a compreensão teórica da realidade do campo no Brasil; criar estratégias para autoavaliação e avaliação discente, docente e das atividades propostas; promover ações que articulem teoria e prática, de modo que os licenciandos(as) possam conhecer e intervir numa realidade específica, relacionando convicções com tomadas de posição e comportamentos cotidianos e proporcionar atividades que possibilitem a compreensão crítica do processo histórico de produção do

conhecimento científico e suas relações com o modo de produção da vida social contemporâneo. Em suma a alternância dos tempos educativos potencializa a indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e extensão, sobretudo porque os saberes acadêmicos dialogam com os saberes que circulam nas comunidades quilombolas de origem dos licenciandos(as) o que faz gerar a produção de novos conhecimentos via realização de Seminários de Conjuntura, Vivências e Socialização, que ocorrerão do 2º ao 8º semestre do curso.

11. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Na avaliação dos estudantes devem ser destacados dois objetivos, a saber: auxiliar o graduando no seu desenvolvimento pessoal e responder à sociedade, sobretudo às comunidades, escolas e população quilombola, pela qualidade da formação acadêmica oferecida pela Instituição.

Em primeiro lugar, esta avaliação responde à missão institucional, na medida em que a UFRB, como instituição pública, deve cumprir sua função social de ministrar ensino superior visando o desenvolvimento do espírito político-científico e social. O processo avaliativo deverá proporcionar aos alunos a possibilidade de manifestação dos conhecimentos produzidos, da autoavaliação, competências e habilidades desenvolvidas, para atingir os objetivos do Curso e o perfil do licenciando que se pretende formar. Com essa compreensão, cabe ressaltar que avaliação é pautada em instrumentos processuais de avaliação para seu alunado que reflita o caráter dinâmico e, ao mesmo, transformador de seus princípios formativos, numa ética coletiva e individual do estudante.

Entende-se, ainda, que as comunidades que vivem no/do território possuem uma temporalidade e uma identidade cultural e socioeconômica própria para a realidade em que estão mergulhados, mesmo interagindo direta ou indiretamente com o mundo urbano globalizado. Assim, estabelecer o diálogo crítico, como processo de avaliação e práxis pedagógica é, de certa forma, um testemunho social da qualidade da formação acadêmica que a IES oferece à sociedade. Em segundo lugar, a avaliação da aprendizagem objetiva auxiliar o aluno a compreender o grau de amadurecimento em seu processo de formação, com base nos princípios filosóficos epistemológicos da pedagogia da alternância.

Neste sentido, a avaliação se constitui, portanto, em um diagnóstico sobre a aprendizagem do aluno no processo de constituição de sua formação. Por esse veio, avaliação da aprendizagem diz respeito, também, ao professor e à Instituição, na medida em que está atrelada ao processo e às condições materiais de ensino. Porquanto, a avaliação da aprendizagem não é uma questão apenas do aluno – o sujeito que aprende, mas também do professor – o sujeito que ensina, em condições objetivas de trabalho em consonância com a os pressupostos da Pedagogia da Alternância. A avaliação consiste em um processo de incentivo aos discentes para a produção do saber que emerge das atividades de ensino, especialmente no que concerne ao desenvolvimento de competências e à apropriação dos conhecimentos significativos para atuação profissional. Assim, as produções dos discentes no Tempo-Universidade e Tempo-Comunidade serão atribuídas notas para avaliar o processo de aprendizagem dos discentes qualitativa e quantitativa.

A base da avaliação da aprendizagem do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola (LiEEQ) da UFRB se pautará, portanto, na busca de diálogo entre o estudante e o professor, em um processo interativo de humanização do ensino e obedecerão as normativas estabelecidas na Resolução CONAC Nº 004/2018, que dispõe sobre o Regulamento de Graduação (REG) da Instituição, onde o aproveitamento do aluno é mensurado através de avaliações, cujos resultados serão expressos em notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) e será aprovado quando obtiver média, em cada componente curricular, igual ou superior a 6,0 (seis).

A assiduidade será mensurada através de frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária prevista em cada componente/atividade curricular. Os instrumentos utilizados para avaliação da aprendizagem dos discentes serão: a) Caderno da Realidade, b) Plano de Estudos, c) Entrevista, d) Formulários, e) Autoavaliação (orientada por roteiro), f) Avaliação coletiva (Projeto Integrador), provas, seminários, elaboração de textos acadêmicos.

12. ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO AO DISCENTE

Considerando a particularidade do público alvo desta proposta, qual seja, prioritariamente estudantes e professores quilombolas e demais sujeitos do campo para atuar em escolas quilombolas, os estudantes da 'Licenciatura em Educação

Escolar Quilombola – Pedagogia (LiEEQ) terão, além dos recursos previstos no Edital PAFOR Equidade (Edital CAPES 23/2023), um conjunto de políticas institucionais específicas que procuram assegurar o acesso e sua permanência exitosa na Universidade.

Tais políticas se iniciam com um Processo Seletivo Especial (PROSEL) realizado para contemplar as 120 vagas propostas neste PPC através de um Vestibular exclusivo para ingresso no curso, demarcando assim a opção por considerar as singularidades dos sujeitos que concorrem à LiEEQ e diferindo-se, portanto, da forma de ingresso aos outros cursos de graduação da UFRB, que se dá através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) do MEC.

Após o ingresso, o aluno da LiEEQ dispõe de um conjunto de políticas construídas exclusivamente para atender às suas especificidades e assegurar a sua permanência na Universidade, quais sejam: **1)** a oferta do curso em regime de Alternância Pedagógica, possibilitando aos estudantes a interlocução entre os tempos formativos distintos – o Tempo Universidade/TU e o Tempo comunidade/TC –, e permitindo, simultaneamente, a capacitação profissional e permanência nos territórios quilombolas; **2)** a possibilidade de realizar a graduação no seu município de origem, conforme polos indicados para o Parfor Equidade **3)** o Programa de Permanência Alternância (PPA). A participação dos estudantes neste conjunto de programas tem contribuído enormemente para qualificar a sua permanência material e simbólica no curso e ampliar suas experiências formativas, através de sua inserção em grupos de estudos e pesquisa, reuniões, eventos, projetos de pesquisa, extensão, iniciação à docência, etc.

O curso estimulará atividades de leitura e escrita deste o primeiro semestre, através da oferta de componentes curriculares e da articulação dos demais componentes para a realização de atividades integradas, evitando-se a sobrecarga de trabalhos e a pulverização de esforços. Além disso, o curso tem enfatizado o registro e a sistematização de leituras, com atividades mais intensas no TC, ocasião em que os estudantes elaboram fichamentos, resumos, resenhas, artigos, relatórios, etc.

O acompanhamento das atividades do curso no TU dá-se através de aulas e orientações individuais e coletivas, nos diferentes componentes curriculares. No TC o acompanhamento dá-se através de diferentes meios, por meio dos fóruns no SIGAA, além de plataformas das redes sociais (WhatsApp, Facebook, e-mail, telefone), além de orientações individuais e em pequenos grupos ocorridos esporadicamente na

Universidade e visitas às comunidades. As ações de iniciação a docência, a exemplo do Pibid Diversidade contribuíram significativamente para o acompanhamento das atividades do curso, pois aproveita-se o ensejo das visitas dos professores às comunidades de origem dos alunos e a presença de bolsistas e supervisores na UFRB para realizar orientações sobre as atividades, além das articulações que o programa possibilita com o percurso formativo da LiEEQ a e rede básica de ensino.

A recuperação da aprendizagem dos estudantes que apresentam desempenho acadêmico insuficiente tem sido realizada através da realização de orientações específicas para os estudantes nesta situação, e da aplicação de instrumentos de avaliação no TU subsequente

- 1) Integração das atividades propostas pelos diferentes componentes curriculares do curso durante um mesmo semestre, diminuindo o excesso de trabalhos solicitados e promovendo uma maior integração e organicidades das atividades sugeridas;
- 2) Melhoria da qualidade do acompanhamento das atividades propostas para o TC, com a concretização de visitas *in loco* de forma mais planejada, e sistemática; potencialização da utilização das redes sociais, para facilitar o acompanhamento; Inserção de Supervisores e estudantes do curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola (<https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/EEQ>) e do Mestrado Profissional em Educação do Campo (<https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/>) como colaboradores da formação dos licenciandos;
- 3) Aperfeiçoamento do processo seletivo para ingresso, visando recrutar estudantes mais vinculados à proposta do curso.

A LiEEQ buscará estimular a participação dos estudantes em eventos, sobretudo aqueles voltados para a temática Educação da Educação Escolar Quilombola, fortalecendo o intercâmbio acadêmico. Cumpre destacar a perspectiva de ampliar as atividades já realizadas com quilombolas na UFRB, como meio de ampliar os processos de afiliação acadêmica. Além disso, os estudantes da LiEEQ deverão participar de Programas de Tutoria Acadêmica da UFRB. O Programa de Tutoria da é uma ação pedagógica que visa a contribuir com a vida acadêmica dos discentes, sua afiliação, permanência e construção da integração acadêmica em alternância. Os principais eixos deste Programa de Tutoria são: a) Orientação acerca da matriz de

formação no curso de Educação do Campo ;b) Produção Continuada de Textos Acadêmicos; c) Orientação Acadêmica das Atividades Curriculares Complementares (ACC).

13. AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Todo o processo de implementação e consolidação do curso é acompanhado por permanente avaliação, assim, a avaliação deverá cumprir:

1) Função Pedagógica: articular os processos pedagógicos teórico-práticos com a finalidade de cumprimento dos objetivos, das habilidades e competências em consonância com a concepção de educação do campo desenhada no projeto pedagógico do Curso;

2) Função Diagnóstica: através de instrumentos adequados e da escuta sensível, identificar os avanços e as dificuldades dos professores e dos estudantes durante a implantação e consolidação do Curso;

3) Função de Análise: com base nas respostas da função diagnóstica, revisitar a proposta pedagógica para repensar o currículo de forma que o mesmo traduza os princípios políticos, filosóficos, técnico científicos do curso, e, sobretudo, revele a concepção de homem e de educação que desejamos para a sociedade camponesa.

Trata-se de um processo avaliativo de natureza preventiva e de caráter cumulativo, cabendo ao Colegiado do Curso e o NDE a coordenação dessas atividades.

O Núcleo Docente Estruturante do curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola – Pedagogia será oficialmente constituído quando da aprovação da proposta pela CAPES. A partir de então, tais comissões serão formadas reunindo-se por vezes em separado e juntas sendo atribuídas tarefas entre os docentes e socializadas em reuniões ampliadas do NDE. Salienta-se que nas reuniões serão elencadas as demandas e especificidades do curso, que se baseia na Pedagogia da Alternância, e que apesar de o NDE apresentar um corpo docente oficializado, as reuniões realizadas estão abertas à participação de todo o corpo docente do curso, de forma, que todos possam contribuir e acompanhar a construção das atividades concernentes à organização e melhoria do curso, tendo em vista que o NDE se refere diretamente as atribuições acadêmicas de acompanhamento, concepção e consolidação contínua do Projeto Político Pedagógico do Curso.

Atendendo a outro objetivo do NDE, que é zelar pela integração interdisciplinar do curso, o núcleo, em parceria com o colegiado, vem construindo encontros pedagógicos, com o objetivo de promover o diálogo na área da Licenciatura em Educação Escolar Quilombola - Pedagogia para discutir o perfil do egresso e a

trajetória do mesmo durante a graduação, o campo de atuação, debater os componentes e a integração e continuidade do Tempo Universidade e Tempo Comunidade a fim de proporcionar uma aproximação ente teoria e prática.

Em conformidade com a concepção de avaliação institucional do SINAES, pretende-se no processo de avaliação do curso utilizar procedimentos geradores de dados quantitativos e qualitativos como forma de garantir uma análise global da sua implantação e desenvolvimento do Curso tendo como perspectiva a gradativa consolidação do Projeto Pedagógico. A avaliação será aplicada em momentos esporádicos, mas, de forma sistemática, contínua e global envolvendo todos os sujeitos do processo: direção do centro, coordenação, docentes, discentes e parceiros, a saber: Fórum Permanente de Educação Escolar Quilombola da Bahia, o Coletivo e os Movimentos e redes sociais do campo na Bahia. Além disso, serão utilizadas as avaliações realizadas pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e das avaliações externas (avaliação de curso, ENADE, e outras), enquanto elemento potencializador das reflexões.

Por fim, buscar-se-á construir espaço de diálogo pedagógico, como o movimento quilombola, de avaliação e aprimoramento do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola. E neste sentido, a partir da relação com o movimento social, instituir o Conselho Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola;

14. RECURSOS HUMANOS

Conforme indicativo do Edital CAPES 23/2023, este curso poderá contar com professores externos à UFRB, valorizando mestre de saberes quilombolas, que poderão, juntamente com professores da UFRB, primar pela qualidade da formação dos licenciados em Educação Escolar Quilombola – Pedagogia. Entretanto, aponta-se a seguir docentes que poderão atuar no curso:

| PROFESSOR / LATTES | TITULAÇÃO ACADÊMICA | REGIME DE TRABALHO | ÁREA DE FORMAÇÃO |
|---|---|---|-------------------------------|
| Ana Cristina Nascimento Givigi Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/8347424438274569 | Pós-Doutorado | Professora Associada, Dedicação exclusiva | Ciências Humanas |
| Ana Paula Inácio Diório Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/2996481978672741 | Doutorado | Professora Adjunta, Dedicação exclusiva | Ciências Humanas |
| Carlos Adriano da Silva Oliveira Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/1182327772314174 | Doutorado em Educação | Professor Adjunto, Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Débora Alves Feitosa Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/6810832710934310 | Pós-doutorado | Professora Associada, Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Emanoel Luis Roque Soares Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/3011122221613108 | Doutorado em Educação | Professor Associado, Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Franklin Plessmann de Carvalho http://lattes.cnpq.br/5449457142360149 | Doutorado em Ciências Sociais | Professor Adjunto Dedicação exclusiva. | Ciências Sociais |
| Frederik Moreira dos Santos http://lattes.cnpq.br/9 | Doutorado em Filosofia das Ciências | Professor Adjunto Dedicação exclusiva. | Ciências Naturais – Física |

| | | | |
|---|---|---|------------------|
| 601029756116076 | | | |
| Jose Raimundo de Jesus Santos Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/6589033590474009 | Doutorado em Ciências Sociais | Professor Adjunto Dedicação exclusiva. | Ciências Sociais |
| Karina de Oliveira Santos Cordeiro Link do Lattes http://lattes.cnpq.br/1427291539432039 | Doutorado em Educação | Professor Associada Dedicação exclusiva. | Pedagogia |
| Kássia Aguiar Noberto Rios Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/6353950935479437 | Doutorado em Geografia | Professora Adjunta, Dedicação exclusiva | Ciências Humanas |
| Lucas da Silva Maia Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/71006823552552914 | Doutorado em Educação | Professor Adjunto Dedicação exclusiva | Ciências Humanas |
| Maicelma Maia Souza Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/0916750509880376 | Doutorado em Andamento - Educação | Professora Assistente Dedicação exclusiva. | Pedagogia |
| Maíra Lopes dos Reis Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/4016051723815364 | Doutorado em Estudos Interdisciplinares em Gênero | Professora Adjunta, Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Marcia Valeria Cozzani Link do Lattes: | Doutorado em Ciências da Motricidade | Professora Associada Dedicação | Educação Física |

| | | | |
|--|---|--|---------------------|
| http://lattes.cnpq.br/5538051735781538 | Humana | exclusiva. | |
| Priscila Brasileiro Silva do Nascimento Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/1414381273426114 | Doutorado em Educação | Professora Adjunta Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Priscila Gomes Dornelles Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/0914243123607426 | Doutorado em Educação | Professora Associada Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Silvana Lúcia da Silva Lima Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/9695253750876974 | Doutorado em Geografia | Professora Associada Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Tatiana Ribeiro Velloso Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/6926237665821133 | Doutorado em Geografia | Professora Associada Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |
| Terciana Vidal Moura Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/1217577279235372 | Doutorado em Educação | Professora Adjunta Dedicação exclusiva. | Pedagogia |
| Thiago Leandro da Silva Dias Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/8920875303870381 | Doutorado em Filosofia das Ciências | Professor Adjunto Dedicação exclusiva. | Ciências Biológicas |
| Tiago Rodrigues Santos | Doutorado | Professor Adjunto, dedicação | Ciências Humanas |

| | | | |
|---|---------------|---|------------------|
| Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/742146345403999 | | exclusiva. | |
| Yérsia Souza de Assis Link do lattes: http://lattes.cnpq.br/15366697308630 | Pós-Doutorado | Professora Adjunta, Dedicação exclusiva. | Ciências Humanas |

| DOCENTES SEGUNDO A TITULAÇÃO | | |
|-------------------------------------|-----------|------------|
| TITULAÇÃO | Nº | % |
| Doutores | 22 | 96% |
| Mestre | 1 | 4% |
| TOTAL | 22 | 100 |

15. INFRAESTRUTURA

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), criada pela Lei nº 11.151 de 29 de agosto de 2005 na esteira das ações governamentais que tinham como objetivo a expansão e interiorização do ensino público superior, nasceu da mobilização popular, da reivindicação dos povos do território do Recôncavo, em sua maioria negros e negras, das comunidades camponesas, quilombolas e dos sujeitos do campo em luta pelo direito constitucional básico de acesso à educação pública, gratuita e de qualidade através da democratização do ensino superior na Bahia.

Com a administração central localizada no município de Cruz das Almas, a 146 quilômetros da capital Salvador, a UFRB funciona a partir de uma proposta *multicampi* organizada em sete centros de ensino, quatro destes localizados em municípios do Território de Identidade do Recôncavo: Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) situados em Cruz das Almas; o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), situado em Cachoeira; o Centro de Ciências da Saúde (CCS), situado em Santo Antônio de Jesus e o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), em Santo Amaro. No Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá, o Centro de Formação de Professores (CFP), na cidade de Amargosa e no Território de Identidade do Portal do Sertão, no semiárido baiano, o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), no município de Feira de Santana.

A UFRB possui 63 cursos de graduação presenciais e 3 cursos em Educação à Distância, com 15.731 estudantes matriculados na graduação. Possui, na pós-graduação, 18 cursos de mestrado e dois de doutorado, somando 1.058 estudantes.

Em termos de infraestrutura, a UFRB possui uma área de 197.04 Mil m², seis Campi, seis Bibliotecas, 63 Salas e 273 Laboratórios. Em termos de recursos humanos, 1.141 Docentes, sendo 803 com Doutorado, 261 Mestres, 70 Especialistas e 7 graduados, além de 693, servidores técnicos-administrativos.

Particularmente o Centro de Formação de Professores, CFP, Centro proponente do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola, possui 148 docentes, 55 servidores técnicos administrativos e 1.850 estudantes.

Compreende-se que o histórico de 18 anos de existência vinculados à experiência de apreender com o território, assim como a expertise anterior em Programas Institucionais como o PARFOR, possibilite as condições objetivas e subjetivas que permitam a efetivação desta proposta.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Tratado dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Marinélia. **Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. Editora Elefante, 2022.

ARRUTI, José Maurício. **Panorama Quilombola 2021**. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: Osmundo Pinho; Lívio Sansone. (Org.). **Raça? Novas Perspectivas Antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

DEALDINA, S. dos S. (org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

GOMES, Flávio dos Santos e REIS, João José. **Liberdade por um Fio: História dos Quilombos no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro: século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PÔRTO, Valéria dos Santos. **A dinâmica do sistema agroextrativista do quilombo Pau D'arco e Parateca – Malhada/BA: apontamentos para a gestão territorial e a sustentabilidade**. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT). Brasília - DF, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito**: a Resistência Negra no Brasil Escravista, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Amilton **Pereira dos. Pedagogia Quilombola como possibilidade de transgressão curricular**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Sul da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ensino das Relações Étnico-Raciais. Porto Seguro, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos**: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandáia, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola**: as pedagogias quilombolas na construção curricular. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2015.

APÊNDICE I - CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
| NOME DO COMPONENTE Concepções e Princípios da Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Histórico dos Quilombos no Brasil; A memória coletiva dos Quilombos no Brasil; Quilombos e marcos civilizatórios nacionais; As práticas culturais das comunidades quilombolas no Brasil; As tecnologias e formas de produção do trabalho; Os acervos e repertórios orais dos quilombos no Brasil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos**: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandáia, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as novas etnias**. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2011. 196 p. ISBN 9788578331486.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer.**; imagens de Santiago PPereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. –1ª ed.—Rio de Janeiro : Zahar, 2021

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola**: as pedagogias quilombolas na construção curricular. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2015.

| | | |
|---|---------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
| NOME DO COMPONENTE História da Educação e População Negra | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |

| | | |
|--|--|------------------------------------|
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| <p>EMENTA</p> <p>História, História da Educação: conceitos e abordagens. A História e a sociedade contemporânea. Historiografia da educação: fontes históricas e os campos de investigação. População Negra e acesso à Educação. Ações Afirmativas e População Negra. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012. 222 f.</p> <p>SANTOS, Dyane Brito Reis. Para Além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, 2009.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>CUNHA JUNIOR, Henrique, Africanidade, Afrodescendencia e Educação, in</p> | | |

Educação e Debates, n 42, v 2. UFC, Fortaleza, 2001.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo.**4. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro.1978.

MELLO, Macedo Moura. **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

SILVA, Cidinha da (org). **Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras.** São Paulo: Summus, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do Atraso: da Escravidão a Lava a Jato.** Rio de Janeiro. Leya, 2017.

| | | |
|--|--------------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
| NOME DO COMPONENTE Leitura e Produção de Texto I | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | CARGA HORÁRIA EAD | |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina |

| | | |
|---|---------------------|---|
| | | - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA A linguagem como leitura do mundo. Noções de linguagem, texto e discurso; Desenvolvimento da escrita; Processos de leitura e organização da escrita. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA CARBONI, Floresce, MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003. FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999. LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1997. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo. 10 Ed. Contexto: 2001. BRANDÃO, H. N. (coord.) Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2000. CARMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas: aprendizados que se cruzam e se comunicam. São Paulo: Expressão popular. FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão.. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação e outros escritos. São Paulo. 3 Ed. Paz e terra, 2016. GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1985. | | |

| | | |
|--------------------------------|---------------|----------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
|--------------------------------|---------------|----------------------|

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| NOME DO COMPONENTE Questão Agrária e Movimentos Sociais | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| <p>EMENTA O processo de Acumulação Primitiva. O Modo de Produção Capitalista e o Campo. O Conceito de Questão Agrária. Teorias sobre a Questão Agrária. Estudos sobre o campesinato brasileiro. Histórico dos Movimentos Sociais do Campo Brasileiro. Quilombos e Questão Agrária no Brasil. Movimento Negro Educador. A Formação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA Girardi, Eduardo Paulon A indissociabilidade entre a questão agrária e a questão racial no Brasil : análise da situação do negro no campo a partir dos dados do Censo Agropecuário 2017. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2022. CARVALHO, Horácio M. O campesinato no século XI – possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. CPT. COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Cadernos de Conflitos no Campo – Brasil, 2016. São Paulo: Expressão Popular: 2016.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR | | |

ANDRADE, Manuel Correia. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo; Contexto, 1987.

GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias. São Paulo, SP : UNESP 2009. nv (História social do campesinato no Brasil).

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Hucitec. 2004.

MOREIRA, Roberto J. **Terra, poder e território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo Afonso. **Formas de resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. São Paulo, SP : Ed. da UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2008. 350 p. (História social do campesinato no Brasil).

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
| NOME DO COMPONENTE Diáspora Africana e Formação dos Quilombos nas Américas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |

Averiguar os conteúdos educativos adotados desde sempre pelos quilombos e suas práticas ancestrais de lidar com a terra, as implicações ambientais, as perdas do territórios e ações para sua retomada (ocupação). Buscando sistematizar o currículo com as formas de construção e exercício de conhecimento das comunidades quilombolas, dialeticamente procurando uma associação entre a cultura popular e o espaço formal da educação com base no diálogo do conhecimento científico acadêmico com as vivências dos quilombolas recorrendo sempre à história dos africanos e dos povos originários para chegar aos povos afrobrasileiros que somos. Plano de Estudos Para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MELLO, Macedo Moura. **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.** Salvador, BA: EDUFBA, 2004.

d'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

d'AMBROSIO, Ubiratam. Educação matemática: uma visão do estado da arte. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/10-artigos-ambrosiou.pdf> . Acesso em Mar 2016.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira.** 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE I |
|---|---------------|--------------------------------------|
| NOME DO COMPONENTE Introdução aos Estudos Acadêmicos e | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |

| | | |
|---|-------------------------|---------------------------|
| Conhecimentos Tradicionais | | |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA <p>Tipos de conhecimento. O método científico. Introdução à pesquisa e escrita acadêmica, produção de trabalhos acadêmicos, normas técnicas para a organização da escrita acadêmica. Saberes e Fazeres Quilombolas. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA <p>BISPO, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Editora UBU, 2023. MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 306p. SILVA, J. M.; SILVEIRA, E. S.. Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 231 p.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR <p>AQUINO, I. S. Como escrever artigos científicos: sem arroteio e sem medo da ABNT. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 126 p. FACHIN, O. Fundamentos de metodologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.</p> | | |

xiv, 210p.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C.; SANTANA, I. V. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 5 ed. Salvador: EDUFBA, 2013. 144 p.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 203 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 335 p.

| | | |
|--|--|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
| NOME DO COMPONENTE Fundamentos da Filosofia e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |

EMENTA

A partir do entendimento de que um dos caminhos capazes de eliminar o racismo estrutural e, realmente, acrescentar outros tipos de conhecimento ao nosso acervo filosófico, buscamos construir elementos iniciais para uma filosofia afrodescendente que seja capaz de resgatar a nossa identidade, a partir das mitologias, contos e cantos africanos, afrodescendentes e indígenas, devidamente selecionados e pré-analisados, além de estudados com rigor filosófico para futuras discursões didática e dialética que sejam capazes de incentivar o filosofar. Usando o diálogo como método para o ensino da filosofia e destacando a escuta por parte do educador que é essencial na formação de um vínculo, abrindo mão da autoridade hierárquica entre ele e seus educandos, fomentar as perguntas, pois, sem as mesmas o filosofar não acontece. Consequentemente, entender que a sala de aula é o melhor lugar para filosofarmos e os educandos são o melhor público e só precisam de incentivo. Além disso, afrobrasileiros que somos, estamos penetrados por várias culturas, onde se destacam três principais, africanas, europeias e indígenas e, sendo assim, não podemos abrir mão das nossas culturas de raiz ancestral para resgate da nossa identidade como ponto de partida para uma apropriação da cultura alheia. Plano de Estudos Para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

APPIAH, Anthony Kuame; **Na casa de meu pai - a África na filosofia da cultura.** (Tradução Vera Ribeiro), Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação.** Coleção UNIAFRO, EDUFRB, Cruz das Almas/BA, 2016.

CUNHA JUNIOR, Henrique, **Africanidade, Afrodescendencia e Educação**, in Educação e Debates, n 42, v 2. UFC, Fortaleza, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARROS, Sullivan Charles. **A simbólica da violência e da transgressão no universo da Quimbanda.** *Caminhos*, v. 5, n. 1, p. 101-127, jan./jul. Goiânia, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza, **Mitologia Grega.** Vol. I, II e III. Editora Vozes, Petrópolis, 1993.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito.** Uma contribuição ao problema do nome dos deuses. Tradução J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.

CARNEIRO, Edison. **Antologia do Negro Brasileiro**, editora Agir, Rio de Janeiro, 2005.

CAPUTO, S. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé.**, Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 2012.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1978.

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
| NOME DO COMPONENTE Educação e Relações Étnico-raciais | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |

Historicidade da educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Questão agrária, cultura e modos de vida afro-brasileiros e indígenas. Invasão, colonialismo e branquitude no Brasil. Debate conceitual acerca de raça e etnia, racismo, preconceito e discriminação. Identidades, diferença e interseccionalidades. Quilombismo e Campesinato Negro. Legislação educacional com recorte étnico-racial e Políticas de Ações Afirmativas no Brasil. Práticas educativas e questões contemporâneas envolvendo a educação e as relações étnico-raciais. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov. 2012.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. v. 29, n. 1. São Paulo, jan/jun 2003.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 15, n. 35, 2015.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia** Texto do 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB. Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância Pan-Africana**. 3 ed. Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro. 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos pretas: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização: Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARRUTI, J. M. **Quilombos**. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: **Psicologia social**

do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008.** Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Vol 42. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação:** Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, K. (coord.). **Superando o Racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva Oliveira; PAULA SILVA, Maria Cecília de. Máscaras do racismo e inscrições corporais negras: entre mistificações, o desaparecer de si e a resistência. **Conjecturas.** v.22, n. 1: jan/fev, 2022.

SANTIAGO, Ana Rita; RIBEIRO, Denize de Almeida [et al.]. Tranças e redes: tessituras sobre África e Brasil. Cruz das Almas/BA. EDUFRB, 2014.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Givânia Maria. da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas.** 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

| | | |
|---------------------------------------|---------------|------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
|---------------------------------------|---------------|------------------------------|

| | | |
|--|-------------------------|-------------------------------|
| NOME DO COMPONENTE Leitura e Produção de Texto II | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Linguagem. Leitura. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para análise da coerência e da coesão. Textos Científicos (regras e métodos). Elaboração de projetos e relatórios técnicos. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula . São Paulo: Ática, 1997. FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto . São Paulo: Ática, 1999. KOCH, Ingedore G. Villaça. A coesão textual . São Paulo: Contexto, 1993. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística . São Paulo. 10 Ed. Contexto: 2001. | | |

BRANDÃO, H. N. (coord.) **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

CARMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se cruzam e se comunicam**. São Paulo: Expressão popular.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação e outros escritos**. São Paulo. 3 Ed. Paz e terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

GERALDI, João. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo. Mercado das Letras. 2002.

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
| NOME DO COMPONENTE Gênero, Sexualidade e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina |

| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
|---|--------------|--|
| EMENTA As experiências docentes nos quilombos e as pedagogias de gênero, raça e sexualidade. A construção escolar das diferenças de gênero e sexualidade e hierarquização das existências. Gênero, raça e violência cotidiana. Experiências de diversidade sexual em comunidades quilombolas. O racismo genderizado e as críticas ao feminismo ocidental. Os desafios da construção de práticas educacionais e pedagógicas não discriminatórias nos quilombos. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA RIOS, Flavia; LIMA, Marcia (orgs). Por um feminismo afro- latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. SILVA, Givânia Maria da. Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas. Curitiba: Appris Editora, 2016. KILOMBA. Grada. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Cobogó, 2019 DEALDINA, Selma dos Santos (org). Mulheres quilombolas: Territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicencio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. FIABANI, Adelmir; GOMES, Ana Beatriz Sousa; MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva (orgs). Do pilão ao batom. Histórias de mulheres Quilombolas. Curitiba: CRV, 2020. Hooks , bell. E eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. RATTS, Alex (Org.). Beatriz Nascimento: Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. SANTOS, Maria Balbina (Mam´etu kafurenga). Pedagogia do terreiro. Experiências da primeira escola de religião e cultura de matriz africana do Baixo Sul da Bahia. Escola Caxuté. Simões Filho: Kalango, 2019. | | |

GONTIJO, Fabiano. As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 69, n. 1, p. 50-53, Mar. 2017 . Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100017>.

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
| NOME DO COMPONENTE Antropologia e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Abordagem antropológica acerca da Educação Escolar Quilombola. Discussões sobre conceito de Quilombo através da perspectiva da antropologia. Educação Quilombola como expressão de alteridade e territorialidade. Discussões contemporâneas entre antropologia e formação educacional quilombola. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |

SILVA, Givania Maria da; SILVA, Romero Antonio de Almeida; DEALDINA, Selma dos Santos; ROCHA, Vanessa Gonçalves da. **Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos**. São Paulo: Jandaíra. 2021.

BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Orgs.). **Brasil: um país de negros?** 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2007.

MOURA, Clóvis (Org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. 2012.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional, 1988.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. Histórias dos quilombos e memórias dos quilombos no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/2003. **Revista da ABPN**, v. 5, n. 11, jul.– out. p. 05-28 2013.

SILVA, Givânia Maria da. "Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas.". 2012. 222 f, il. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade de Brasília, Brasília. 2012

SOUZA, Divina Michelle Pimentel; NEVES, Odair Ledo. **Educação e Diversidade: um diálogo a partir do contexto escolar**. Santo Ângelo: Metrics. 2021.

| | | |
|---|------------------------------|--------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE II |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências I | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS: | | |

| | | |
|--|--|------------------------------------|
| 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo Comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARRUTI, José Maurício. Panorama Quilombola 2021 . Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022. COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência contra quilombos no Brasil . Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola CONAQ Terra-de-Direitos FN WEB.pdf . Acesso em: 26 jan. 2021. DEALDINA, S. dos S. (org.). Mulheres quilombolas : territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola . 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168. NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro : processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016. SANTOS, Antônio Bispo dos, Colonização, quilombos : modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015. SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política : a | | |

experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandáia, 2021.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Políticas Públicas para Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conceitos de políticas públicas. Abordagens teóricas do estudo das políticas públicas. Dimensões de análise das políticas públicas: tipos de políticas públicas, atores de políticas públicas, fases do processo de elaboração de políticas públicas. Políticas Públicas Educacionais no contexto brasileiro. Políticas públicas e diversidade. Políticas Públicas e Educação Escolar Quilombola. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA BRASÍLIA. Guia de políticas Públicas para comunidades quilombolas : programa Brasil quilombola, 2013. | | |

LIBANEO, José Carlos (Org.). **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília. 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo: educação, família e culturas**. Cuiabá, EDUFMT, 2011.

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Mirian. (Coord.). **Relações Raciais na Escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: Unesco, Inep, Observatório de Violência nas Escolas, 2006.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS (Org.). **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, 2018.

MOURA, C. **Quilombos – Resistência ao Escravismo**. 1º ed. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2020.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Políticas públicas educacionais**. Campinas: Alínea, 2008.

SANTOS, Sales Augusto dos (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

| | | |
|---|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Didática e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em | TIPO Disciplina |

| | | |
|---|---------------------|---|
| | EEQ | - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| <p>EMENTA</p> <p>Fundamentos sociais, políticos e epistemológicos da Didática na formação profissional de professoras e professores. Processos de ensinar e aprender no contexto escolar quilombola. Didática, modos de vida, diferenças e suas implicações para o processo de ensino-aprendizagem. Didática e multidimensionalidade no processo de ensino-aprendizagem. Didática e organização do trabalho pedagógico. Conceitos de transposição didática, contextualização do conhecimento e interdisciplinaridade. Intersecções entre Didática e Currículo. Didática, planejamento e avaliação. Didática, Tecnologias da Informação e Comunicação e suas aplicações na sala de aula. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov. 2012.</p> <p>FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). Didática: embates contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2012.</p> <p>FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Editora Contexto, São Paulo. 2006.</p> <p>NASCIMENTO Olindina Serafim. O Caminho do Quilombo: Histórias não contadas na educação escolar quilombola: Território do Sapê do Norte – ES. 1 ed. Editora Appris, Curitiba, 2020.</p> <p>SILVA, Givânia Maria. da. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>ARROYO, Miguel G. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012</p> <p>CANAU, Vera Maria. A didática em questão. 18 ed. Vozes. Petrópolis. 2000.</p> <p>CANAU, Vera Maria. Didática crítica intercultural: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.</p> <p>FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática. Campinas: Papirus. 1995.</p> <p>FUSARI, José Cerchi. O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas</p> | | |

Indagações e Tentativas de Respostas. São Paulo: FDE, Séries Idéias, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **O essencial da didática e o trabalho de professor: em busca de novos caminhos.** Goiânia. Novembro. 2001.

NUNES, Georgina Helena Lima. Educação quilombola. In: BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf

| | | |
|--|-------------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Elaboração de Projetos de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola I | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Pesquisa científica. Extensão. Produção do conhecimento e leitura da realidade social. Objeto(s) de estudo e sujeitos da pesquisa na/da Educação Quilombola. A pesquisa e a extensão enquanto crítica projetiva de transformação. Conceito de projeto. Tipos de projetos. Metodologia de elaboração de projetos sociais. Estrutura e etapas de construção de projetos sociais. Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |

ARMANI, D. **Como elaborar projetos? Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo, 2004.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CALDART, Roseli S. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2010.p. 90-113.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. KUMMER, Lydia. **Metodologia Participativa no Meio Rural: uma visão interdisciplinar – conceitos, ferramentas e vivências**. Salvador: GTZ, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2007. 99 p

MINAYO, Cecilia Souza, COSTA, Antonio, Pedro. **Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia; 2019.

| | | |
|---|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Sociologia e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |

| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
|---|--|------------------------------------|
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Social e Política em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA As Ciências Sociais no Brasil. A cultura brasileira e os debates de gênero, raça e classe. O território e a identidade Quilombola. Resistência e leitura crítica de mundo, espaços quilombolas, meio ambiente e trabalho. Cidadania, violência, desigualdades e relações raciais. Educação das Relações Étnico-Raciais e os quilombos. Memórias e folclorização. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da educação . Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2000. 157 p. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombos e as novas etnias . Manaus: Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2011. 196 p. RTIZ, Renato. As Ciências Sociais e a Cultura. Tempo Social ; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(1): 19-32, maio de 2002. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR EDUCAR EM REVISTA - Dossiê - Educação e Relações Étnico-Raciais: o estado da arte. V. 34, N. 69 UFPR, maio de 2018 [ISSN 1984-0411] MELO, R. DA S.. Quilombolas: história, memória e ficção. Tempo, v. 29, n. 2, p. 1–21, maio 2023. LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: Cidadania ou folclorização? in. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio | | |

1999 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831999000100006>.

BRASIL JR, Antonio, As Ciências Sociais no Brasil: estudo realizado para a capes por L.A. Costa Pinto e Edison Carneiro. Sociologia&antropologia | v.02.03: 269–278, 2012.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. In: Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/pr, 1(1), pp. 12-32, 2017.

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Psicologia da Educação e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Estudo das diferentes abordagens em Psicologia sobre o desenvolvimento e a aprendizagem destacando a construção histórica nos seus conceitos básicos e as questões nucleares relacionadas aos contextos de função do ser humano. Psicologia e Racismo no Brasil. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |

Cavalleiro , Eliane (orgs.). **Racismo e anti-racismo – repensando nossa escola** / São Paulo: Summus, 2001.

BOCK, A. M. B. & FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

PATTO, Maria Helena. *A produção do fracasso escolar – histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Queroz, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha. 2000.

CUNHA, Marcus Vinícius. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KON, Noemi; SILVA, Maria Lucia da; e ABDUL, Cristiane (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar.2021.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

| | | |
|---|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE III |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências II | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |

| | | |
|---|--|---------------------------|
| 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| <p>EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>ARRUTI, José Maurício. Panorama Quilombola 2021. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.</p> <p>COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência contra quilombos no Brasil. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.</p> <p>DEALDINA, S. dos S. (org.). Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.</p> <p>NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.</p> <p>SANTOS, Antônio Bispo dos, Colonização, quilombos: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da; <i>et al.</i> Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandaíra, 2021.</p> | | |

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Currículo e Educação Escolar Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Currículo e cultura como práticos de significações das relações sociais e de construção de sujeitos. Teorias do Currículo: Conceito e fundamentos. Diversidade cultural e Currículo. Currículo e educação Escolar Quilombola. Currículo, narrativas e territórios em disputa. O currículo e o cotidiano da escola: propostas curriculares em ação. Políticas curriculares no Brasil contemporâneo. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa . Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. ARRUTI, José Mauricio. “Quilombos” . In: Raça: Perspectivas Antropológicas . [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). Currículo , | | |

cultura e sociedade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

ARRUTI, José Maurício [et al.]. **Panorama Quilombola**. Campinas, São Paulo: UNICAMP / BCCL, 2022.

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. 3ª. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov. 2012.

GOODSON, Ivor F. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, agosto 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

| | | |
|---|------------------------------|--------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Infâncias Quilombolas e Educação Infantil | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| <p>EMENTA Os princípios éticos, políticos e estéticos que devem direcionar a produção do conhecimento na Educação Infantil. As crianças e as múltiplas concepções de infância. As crianças como produtoras de cultura que interagem e transformam as sociedades em que vivem. A interação, a brincadeira e sua articulação com as diferentes linguagens na organização curricular da Educação Infantil. Aprendizagem por pares e brincadeiras entre crianças quilombolas. A construção das diferentes linguagens e modo como às crianças quilombolas se situam no mundo. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.</p> <p>GOMES, Nilma Lino. ARAÚJO, Marlene de. (orgs) Infâncias negras: Vivências e lutas por uma vida justa. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.</p> <p>KRAMER, S. Profissionais da Educação Infantil: gestão e formação (Org.). São Paulo: Ática, 2005</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p> <p>DORNELLES, Leni (org.) Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância. Petrópolis. Vozes, 2006.</p> <p>GOMES, Nilma Lino. GOUVÊA, Maria Soares de. Imagens do negro na</p> | | |

literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

LOPES DA SILVA, A. & NUNES, A. (orgs.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Mari/Fapesp/Global, 2002.

MEDAETS, Chantal. **“Tu garante?”: aprendizagem às margens do Tapajós**. Editora da UFRGS, 2020.

SARMENTO, M. J. (2015). Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, 15(1), 31-49. 2015.

SIMÕES. Patrícia Maria Uchôa; RESNICK, Riva; RODRIGUES, Cibele Maria Lima. **Infâncias e estudos culturais: um diálogo sobre identidades e culturas. Pro-Posições**. Campinas, SP. V. 32. e20190068. 2021.

SILVA, Raylina Maila Coelho. **Infância e saberes quilombolas: participação das crianças e cultura lúdica no quilombo de Ariquipá – MA. temas sobressalientes** <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46295>

ARROYO, M. G.; SILVA, M. R. da. **Corpo e infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 47-62.

VASCONCELLOS, V. M.; SARMENTO, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Avaliação em espaços escolares Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |

| | | |
|--|---------------------|---|
| | | - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA Avaliação da aprendizagem escolar: histórico, conceito, concepções e finalidades. A avaliação da aprendizagem no contexto da educação brasileira. Avaliação diagnóstica, formativa, processual e somativa. Avaliação da aprendizagem numa perspectiva dialógica. As diferentes concepções da avaliação e suas manifestações na prática. Procedimentos e instrumentos da avaliação da aprendizagem. Avaliação da Aprendizagem e Educação Quilombola: implicações na práxis pedagógica. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ESTEBAN, Maria Teresa (org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos ; Rio de Janeiro: DP&Alli, 2008. LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem: componente do ato pedagógico ; São Paulo: Cortez, 2011. CARVALHO, Marília Pinto. Avaliação escolar, gênero e raça ; Campinas: Papirus, 2009. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Define diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 nov. 2012. ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas . 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005. SANTANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos. ; Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. SILVA, Janssen; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Teresa (org.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo ; Porto Alegre: Mediação, 2003. VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação: Concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação Escolar . São Paulo: Libertad, 2006. | | |

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Educação Inclusiva e Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Contexto histórico de emergência de políticas educacionais na perspectiva inclusiva e interfaces com a Educação Escolar Quilombola. Processos de in/exclusão escolar, diferenças e a construção de práticas pedagógicas inclusivas mediadas por saberes culturais de povos remanescentes de quilombos. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA FABRIS, Eli Henn, KLEIN, Rejane Ramos. Inclusão e Biopolítica . Belo Horizonte: Autêntica ed., 2013. BENTO, Cida. O pacto da branquitude . Companhia das Letras, São Paulo, 1a. ed., 2022. SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução no 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica . <i>Diário Oficial da União</i> : seção 1, Brasília, DF, n. 224, p. 26, 21 nov. 2012. | | |

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC, SEESP, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo, SP: Selo Negro, 2001. 213p. ISBN 8587478141.

LOPES, M.C.; FABRIS, E H. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

OLIVEIRA, Niltânia, Brito. **A trilha da emancipação dos saberes quilombolas nas escolas**. Niltânia Brito Oliveira, Arlete, Ramos Santos, Greissy, Leoncio Reis, Salvador: EDUFBA, 2020, 139p. ISBN 978-65-5630-088-7.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Alfabetização e Letramento | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Concepções de alfabetização e letramento. Leitura e escrita como instrumentos de inclusão social e de cidadania para as comunidades negras quilombolas. Língua, cultura, oralidade e tecnologia. Variações linguísticas e suas implicações na linguagem oral e escrita. Análise e crítica das metodologias da | | |

alfabetização. Práticas da leitura e da escrita na educação da infância quilombola. Modalidades e estratégias de avaliação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto alegre: Mediação, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 43 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003 DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto alegre: Mediação, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e alfabetização**. Da concepção mecanicista à sociopsicolingüística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERREIRO, Emília. **Reflexão sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzalez (et.ali), São Paulo: Cortez, 1985.

DE CARVALHO PEREIRA, A. Oralidade e letramento entre remanescentes quilombolas do sudoeste da Bahia. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 134–146, 2016. DOI: 10.14393/rep-v14n22015-art11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/29859>. Acesso em: 8 nov. 2023.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**. Reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Trad. Tirza Myga Garcia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

| | | |
|---|----------------|--------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE IV |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências III | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA | TEÓRICA | PRÁTICA |

| | | |
|--|--|------------------------------------|
| 34h | 34h | |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo Comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARRUTI, José Maurício. Panorama Quilombola 2021 . Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022. COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência contra quilombos no Brasil . Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf . Acesso em: 26 jan. 2021. DEALDINA, S. dos S. (org.). Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas . São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola . 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168. NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado . São Paulo: Perspectiva, 2016. SANTOS, Antônio Bispo dos, Colonização, quilombos: modos e significações , Brasília, INCT/UnB, 2015. | | |

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.
SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandáia, 2021.

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Aspectos históricos e políticos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) no Brasil. EJAI, Educação do Campo e Agroecologia. EJAI, Educação Popular e a Pedagogia do Oprimido. Marcos legais, políticas de Estado e de governo para a EJAI, especialmente no campo. Processos de Alfabetização e Letramento da classe trabalhadora na EJAI: concepções, propostas e práticas. EJAI em espaços escolares e não escolares. Organização curricular e práticas educativas na EJAI. Os Sujeitos da EJAI: classes sociais, gênero e sexualidades, relações étnico-raciais, necessidades especiais e questões geracionais. Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na | | |

EJAI; Fluxos de migração e de permanência na EJAI (relação campo e cidade).
Envelhecimento e Quilombos. Plano de Estudos para o Tempo
Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de & **LEAL**, Telma Ferraz (org.).
Alfabetização de jovens e Adultos em uma Perspectiva de letramento. Belo
Horizonte: Autêntica, 2006
GOMES, A. V. A. Educação de jovens e adultos no
PNE – 2001 – 2010. Brasília: Estudo/ Consultoria Legislativa, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,
1987.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de & LEAL, Telma Ferraz (org.).
Alfabetização de jovens e Adultos em uma Perspectiva de letramento. Belo
Horizonte: Autêntica, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, A. V. A. Educação de jovens e adultos no PNE – 2001 – 2010. Brasília:
Estudo/ Consultoria Legislativa, 2011.

CNE/CEB, Parecer. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar
Quilombola. Brasília, 2012. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/programamaiseducacao/323-secretarias>.

LOPES, Maria. Educação para as relações étnico-raciais: Educação Escolar
Quilombola. MEC. 2018.

MASAGÃO, Vera Maria Ribeiro. **Educação de Jovens e Adultos**: novos
leitores, novas leituras. Campinas: Ação Educativa, 2001.

NUNES, Georgina. Alfabetização de adultos e idosos a partir de um lugarejo
quilombola. **Revista eletrônica de educação**, 2019.

| | | |
|--|---------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |

| | | |
|--|---|------------------------------------|
| Literatura e Oralitura | | |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA 34h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |
| <p>Aborda questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa, literatura e oralcultura na educação básica, discutindo os objetos e os procedimentos didáticos do ensino de língua portuguesa de forma interseccionado, contemplando a questão indígena, quilombola e cultura afro brasileira, observando a Lei 11.645/08. Discussões sobre questões teóricas e metodológicas do ensino de língua portuguesa e concepção de língua e linguagem. Estudos linguísticos; Formação do professor de língua portuguesa, literatura e oralcultura, considerando os aspectos de variações e diversidade linguística e cultural. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |
| <p>FREITAS, Alice Cunha; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de. Língua e literatura: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.</p> | | |

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.

BORTONNI-RICARDO, Stella Maris *et al.* (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1994.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura e produção de textos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá.** 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE Gestão das Escolas Quilombolas e Organização do Trabalho Pedagógico | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |

| | | |
|--|---------------------|--|
| | | |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA A forma escolar: sua constituição histórica, contradições e possibilidades de transformação na realidade atual das escolas quilombolas. O modelo de organização e gestão das escolas quilombolas e das escolas que atendem estudantes oriundos desses territórios; A escola quilombola como objeto de estudo. Estudos básicos: Organização escolar, tempo escolar, trabalho pedagógico e as concepções de educação, situadas no mundo capitalista, racista e sexista. Categorias para análise da forma escolar instituída (escola capitalista) e categorias para pensar a escola na perspectiva da transformação social (escola quilombola). Estudo das formas de organização do trabalho pedagógico: Seriação escolar, Multisseriação, Escolarização em Ciclos, Alternância pedagógica, Complexos Temáticos, Temas Geradores. Referências conceituais e metodológicas básicas para elaboração e desenvolvimento de planos de ensino e projetos didáticos em escolas quilombolas. Gestão de ações pedagógicas de projetos educativos da relação com a comunidade, da relação professor/estudante. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA FREITAS, Luiz Carlos de. Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática . 7ª. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005. SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular . 112f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2015. TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas . 5ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ALVES, Gilberto Luiz. A produção da escola pública contemporânea . Campo Grande-MS: Ed. UFMS; Campinas-SP: Autores Associados, 2001. | | |

ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. Tempo escolar e Organização do Trabalho Pedagógico. **Em Aberto**, Brasília, v. 25, n. 88, p. 83-97, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.emaberto>.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

NORONHA, Suely. Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. A construção dos tempos escolares. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 02, p. 135-156, ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200007..

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE Ensino e Aprendizagem da Geografia | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA 34h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |

EMENTA

Estudo de conceitos e importância da Geografia na formação da prática cidadã. Correntes do Pensamento Geográfico e suas relações com a Geografia Escolar. Reflexões sobre os Parâmetros Curriculares e o Ensino da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Alfabetização Cartográfica. Dimensões teóricas e práticas da Geografia da Infância. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e a construção de conhecimentos**. Papirus, Campinas, 1998, p. 87-136.

MORAES, Antonio C. R. **Geografia, pequena história crítica**. Hucitec, São Paulo, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6a ed. Edusp, São Paulo, 2008, p. 143-153.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 4. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível: [http:// basenacionalcomum.mec.gov.br/abase](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase) .

CALLAI, Helena. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de Geografia da infância: territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006.

MEIRELES, Mariana Martins de; FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. **Educação, diversidade e diferenças: olhares (des)colonizados e territorialidade múltiplas**. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2015, v. 1, p. 5571.

| | | |
|---------------------------------------|---------------|-----------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE | | MÓDULO DE ALUNOS |

| | | |
|--|-------------------------|------------------------------------|
| Libras | | 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Aspectos clínicos, educacionais, históricos e sócio-antropológico da surdez. A Língua Brasileira de Sinais- Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas do léxico, de morfologia, de sintaxe, de semântica e de pragmática. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO (SP). Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras . São Paulo: EDUSP: (v.1) GESSER, Audrei. Libras?: Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda . São Paulo: Parábola, 2009. QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos . Porto Alegre: Artmed, 2004. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BRASIL, Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm > BRASIL, Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de | | |

dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LABORIT, Emmanuelle. **O Voo da gaivota**. São Paulo: Best Seller. 1994.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE V |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências IV | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARRUTI, José Maurício. **Panorama Quilombola 2021**. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf).

Acesso em: 26 jan. 2021.

DEALDINA, S. dos S. (org.). **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.

NASCIMENTO, A. O **Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos**: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandaíra, 2021.

| | | |
|---|----------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE Prática Pedagógica I-Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA | TEÓRICA | PRÁTICA |

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| 85h | | 85h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Espaço interdisciplinar. Prática docente orientada. O exercício da prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. Articulação da realidade vivenciada pelos licenciandos no curso e a prática pedagógica em escolas quilombolas ou que atendem estudantes oriundos desses territórios; escola; didática, planejamento e avaliação; preparação das ações didáticas a serem desenvolvidas no estágio supervisionado I; oficinas de formação pedagógica; estudo das experiências pedagógicas em escolas quilombolas. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARROYO, Miguel Gonzalez. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores . Educação & Sociedade, 68, 1999, p. 143-162. FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática . Campinas: Papyrus. 1995. FREIRE, P. A pedagogia do oprimido . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ALARCÃO, Isabel (Org). Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão . Portugal: Editora Porto, 1996. FREIRE, P. A educação como prática da liberdade . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (Org). Professor reflexivo no Brasil: gênese e | | |

crítica de um conceito. SP: Cortez, 2002.

SOUZA, M.A. **Educação e movimentos sociais do campo** : a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007. Curitiba: UFPR, 2010.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 38. Ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

STRECK, D. R. e ESTEBAN M. T. (orgs). **Educação Popular**: lugar de construção social e coletiva.

| | | |
|---|---|---|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE Ensino e Aprendizagem da Matemática | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA 34h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Fundamentos teóricos e metodológicos para o ensino, aprendizagem e avaliação matemática. Objetivos, conteúdos e estratégias para o ensino de projetos diferenciados para a educação escolar quilombola. Perspectivas atuais em Educação Matemática: resolução de problemas, investigações matemáticas, teoria das situações didáticas e modelagem matemática. O processo de ensino | | |

e de aprendizagem dos conteúdos matemáticos na educação infantil.
Elaboração de propostas metodológicas para a matemática na educação infantil.
Plano de Curso do Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DANTE, Luiz Roberto. **Tudo é Matemática**. 3a ed. 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: Ática, 2008.

GIOVANNI Jr, J. R; CASTRUCCI, B. A. **A conquista da Matemática**. 6. ed. (Renovada). 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: FTD, 2009.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; MACHADO, A. **Matemática e realidade**. 6. ed. 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: Atual, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DUHALDE, Maria Eliana. **Encontros iniciais com a matemática: contribuições à educação infantil**. Trad. Maria Cristina Fontana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da resolução de problemas**. São Paulo: Ática, 2000.

GIOVANNI, J. R.; PARENTE, E. **Aprendendo Matemática**. 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: FTD, 2007.

LELLIS, M. C. T.; IMENES, L.M.P. **Matemática para todos**. 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: Scipione, 2009.

SILVEIRA, Enio; MARQUES, Cláudio. **Matemática: compreensão e prática**. 4 v. (6º ao 9º ano). São Paulo: Moderna, 2008.

| | | |
|---|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE Ensino e Aprendizagem das Ciências | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA 34h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |

| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
|--|---|------------------------------------|
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA Natureza dialética do conhecimento científico; Aspectos históricos, raciais, epistemológicos e metodológicos do Ensino de Ciências e da Educação Científica; saberes tradicionais e saberes científicos no Ensino de Ciências; Ciências da Natureza e Tecnologias sociais; Ensino de Ciências na Educação escolar quilombola. Plano de Estudos Para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA BISPO, A. PEREIRA, S. A terra dá, a terra quer . São Paulo: Ubu, 2023. DELIZOICOV, D, ANGOTTI, J.A e PERNAMBUCO, M.M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos . São Paulo: Cortez, 2009. TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, N. A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais . São Paulo: Expressão Popular, 2015. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CALDART, R.S. Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade . São Paulo: Expressão Popular, 2023. ANDRADE, P.G.R A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola . Curitiba: Appris, 2018. HOOKS, B. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. ABRANTES, P. C. Imagens de Natureza, Imagens de Ciência . EdUERJ, Rio de Janeiro, 2016. SILVA, G.M. Educação e luta política no quilombo de conceição das crioulas . Curitiba: Appris, 2016. | | |

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE Estágio Supervisionado I | | MÓDULO DE ALUNOS 25 |
| CARGA HORÁRIA 136h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA 68h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Educação Escolar Quilombola, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Ênfase no conhecimento da organização do trabalho pedagógico desenvolvido no campo de estágio. Concepções de estágio supervisionado. Legislação sobre o estágio supervisionado. O processo ensino-aprendizagem e a dimensão curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Observação, Estágio e prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Vincular a formação teórico-prático do Educador à dinâmica sócio-histórica das populações quilombolas. Educação Quilombola e o estágio <i>intervisado</i> . Elaboração e execução de projeto de estágio em Educação infantil das séries iniciais do fundamental em escolas quilombolas ou que atendem estudantes oriundos desses territórios. Plano de estudo para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ANTUNES, Celso. Educação Infantil : prioridade imprescindível. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. | | |

AROEIRA, Maria Luisa Campos. **Didática de pré-escola: vida criança: brincar e aprender.** São Paulo; FTD, 1996.

BASEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, pp 107-142.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Ed Avercamp, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NORONHA, Suely. **Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular.** 112f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2015.

| | | |
|---------------------------------------|---------------|------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE | | MÓDULO DE ALUNOS |

| | | |
|---|---|------------------------------------|
| Ensino e Aprendizagem da História | | 50 |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA 34h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Desenvolvimento e análise da prática docente com aplicação dos conhecimentos específicos da História, à luz dos princípios pedagógicos e da Educação Escolar Quilombola. Tendências teórico-metodológicas no ensino de História. Aspectos teórico-metodológicos no ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas quilombolas. Conteúdos e materiais didáticos no ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Experiências e projetos no ensino de História. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História: reflexões e novas perspectivas . Salvador: Quarteto Editora, 2004. GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. Jogos e ensino de História. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (coord.). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia . Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, 2003. | | |

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc/ANPOCS, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Halferd Carlos, VALÉRIO, Mairon Escorsi (orgs.) **Ensino de História e currículo**. Jundiaí, SP: Paco Editora, 2017.

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VI |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências V | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARRUTI, José Maurício. **Panorama Quilombola 2021**. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf).

Acesso em: 26 jan. 2021.

DEALDINA, S. dos S. (org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.

NASCIMENTO, A. O **Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos: modos e significações**, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos**. Brasília, Editora Jandaíra, 2021.

| | | |
|--|----------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Prática Pedagógica II- Gestão de Processos Educativos nas Comunidades Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 85h | TEÓRICA | PRÁTICA 85h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA | FUNÇÃO | TIPO |

| | | |
|--|--------------------------------------|---------------------|
| Obrigatória | Prático-pedagógica em EEQ | Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Espaço interdisciplinar articulador da realidade vivenciada pelos educandos no curso e a prática pedagógica nos espaços educativos não escolares. Estudo das experiências pedagógicas da Educação Escolar Quilombola em espaços não-formais (comunidades tradicionais, quilombos rurais, urbanos, associações, sindicatos, organizações, escolas itinerantes, marchas, ocupações, encontros dos movimentos sociais, assembleias, entre outros). Estudo do movimento social enquanto elemento pedagógico. Construção de materiais didáticos para prática pedagógica em espaços educativos não escolares. Estudo e construção de instrumentos didáticos-pedagógicos para inserção dos espaços educativos não escolares nas comunidades camponesas. Plano de estudo para Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 10 ed. 1980. SILVA, Givania Maria da; SILVA, Romero Antonio de Almeida; DEALDINA, Selma dos Santos; ROCHA, Vanessa Gonçalves da. Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. São Paulo: Jandaíra. 2021. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. Revista Contemporânea de Educação , v. 12, n. 23, pp 107-142. HARGREAVES, A. Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização. Porto Alegre: Artmed, 2002. NASCIMENTO, Abadias do. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980. PINHO, Osmundo (org), Raça: Perspectivas Antropológicas. Salvador: ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008. PHILIPPE PERRENOUD, Práticas pedagógicas, profissão docente e | | |

formação : perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.

| | | |
|---|--------------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Elaboração de Projeto de Pesquisa e Extensão em Educação Quilombola II | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | CARGA HORÁRIA EAD | |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Básica | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA A práxis da pesquisa e extensão na educação do campo e quilombola. Elaboração do TCC: Definição da questão de pesquisa. Pesquisa como princípio pedagógico integrador. Diálogo entre teoria e prática. Definição de objetivos e percurso metodológico. Elaboração do referencial teórico. Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante . São Paulo: Ideias & Letras, 2006. 211 p. GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social . 6ª. ed. São | | |

Paulo: Atlas, 2009. 200p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2007. 99 p

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

FEITOSA, Debora Alves (org.). **Pesquisa em educação do campo**. Cruz das Almas, BA: Editora UFRB, 2022. 337p. (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-graduação da UFRB, n.3). ISBN 9786588622582 - Coleção.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 12^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. KUMMER, Lydia. **Metodologia Participativa no Meio Rural: uma visão interdisciplinar – conceitos, ferramentas e vivências**. Salvador: GTZ, 2007.

MINAYO, Cecilia Souza, COSTA, Antonio, Pedro. **Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia; 2019.

| | | |
|--|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Estágio Supervisionado II | | MÓDULO DE ALUNOS 25 |
| CARGA HORÁRIA 136h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA 68h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA | FUNÇÃO | TIPO |

| | | |
|---|--------------------------------------|---------------------|
| Obrigatória | Prático-pedagógica em EEQ | Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Compreende a organização do trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental; processos de investigação e conhecimento da realidade. Elaboração e execução de projeto de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Articulação interdisciplinar com o seminário integrador, com ênfase no debate sobre a educação escolar quilombola.. Fomentando as temáticas de pesquisa. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ANTUNES, Celso. Educação Infantil: prioridade imprescindível . Rio de Janeiro: Vozes, 2004. AROEIRA, Maria Luisa Campos. Didática de pré-escola: vida criança: brincar e aprender . São Paulo; FTD, 1996. BASEDAS, Eulália. Aprender e ensinar na Educação Infantil . Porto Alegre: Artmed, 1999. hooks, bell. Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade . – Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017 | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. Revista Contemporânea de Educação , v. 12, n. 23, pp 107-142. BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores . São Paulo: Ed Avercamp, 2006. GOMES, Nilma L. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação . Belo Horizonte: Editora Vozes, 2017. 160p. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática | | |

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NORONHA, Suely. **Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular.** 112f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2015.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto político-pedagógico** – elementos metodológicos para elaboração e realização. 7 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VI | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |

Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARRUTI, José Maurício. **Panorama Quilombola 2021**. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf).

Acesso em: 26 jan. 2021.

DEALDINA, S. dos S. (org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.

NASCIMENTO, A. O **Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos: modos e significações**, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.

SILVA, Givânia Maria da; *et al.* **Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos**. Brasília, Editora Jandaíra, 2021.

| CENTRO DE ENSINO | CÓDIGO | SEMESTRE |
|---|----------------|-------------------------|
| CFP | | VIII |
| NOME DO COMPONENTE | | MÓDULO DE ALUNOS |
| Prática Pedagógica III- Em Educação Escolar Quilombola | | 50 |
| CARGA HORÁRIA | TEÓRICA | PRÁTICA |
| 85h | | 85h |

| | | | |
|---|---|------------------------------------|--|
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD | |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - | |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO | |
| EMENTA Vivência e análise das práticas pedagógicas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Experimentação e produção de material didático para o ensino e aprendizagem pedagógicas em educação quilombola. Planejamento, gestão e avaliação das aulas nas escolas quilombolas. Relação de conhecimentos científicos com diferentes situações cotidianas da vida e do trabalho no campo. Plano de Estudo para o tempo Comunidade.. | | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARROYO, Miguel G. <i>Ofício de Mestre</i> . 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. hooks, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança . São Paulo: Editora Elefante, 2021. SANTOS, Antônio B. dos. A terra dá, a terra quer . São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, 112p. | | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria . Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. FAZENDA, Ivani (org.). Práticas interdisciplinares na escola . Cortez. São Paulo. 1993. FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade . 34a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática . Campinas: Papyrus, 1995. SAMPAIO, Plínio Arruda. Construindo o poder popular: as seis condições de vitória das reivindicações populares . 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004. | | | |

| |
|--|
| |
|--|

| | | |
|---|---|--------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VIII |
| NOME DO COMPONENTE Estágio Supervisionado III | | MÓDULO DE ALUNOS 25 |
| CARGA HORÁRIA 136h | TEÓRICA 68h | PRÁTICA 68h |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Prática educativa e formativa junto às comunidades quilombolas. Vivência nos espaços educativos não escolares: seus sujeitos, saberes, espaços e tempos. Estudo do Método de Trabalho de Base. Pressupostos da Educação Popular. Compreensão do papel da educação no processo de transformação social. Construção de processos de intervenção nas comunidades a partir de projetos sociais. Reflexão sobre os conceitos: espaços educativos não escolares e espaços educativos não-formais. Análise global e crítica da realidade educacional na práxis com as comunidades tradicionais, negras quilombolas rurais e urbanas.. Construção do planejamento do estágio. Reflexão sobre o papel do educador em espaços não escolares. Plano de estudo para Tempo Comunidade | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 1996. hooks, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança . São Paulo: Editora Elefante, 2021. | | |

SANTOS, Antônio B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, 112p.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problèmes sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2017. 160p.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da Escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 629-648, maio/ago. 2010.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/Setor de Formação. **Método de trabalho de base e organização popular**. 1 ed. Secretaria Nacional do MST, 2009.

STRECK, R. Danilo; ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petropolis: RJ. Vozes, 2013.

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VIII |
| NOME DO COMPONENTE Seminários de apresentação dos TCCs | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | CARGA HORÁRIA EAD | |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |

| | | |
|---|--|---------------------|
| | | |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Socialização e defesa dos trabalhos monográficos desenvolvidos pelos discentes. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social . 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999. SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico . 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade . 30ª. ed. Petrópolis-Vozes, 2011. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ALVES, Alda Judite. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de Pesquisa , n. 113, pp. 51-64, jul./2011. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1042/1050 Acesso em 14 de set. 2011. BARBIER, René. A pesquisa-ação . Brasília, Líber Livro, 2002. (Série Pesquisa em Educação). BARROS, Aidil de Jesus Paes; LEHFELDD, NEIDE Aparecida de Souza. Projeto de pesquisa: proposta metodológicas . 11ª. ed. Petrópolis-Vozes, 2000. LUBISCO, Nídia Maria Lienert (Org.). Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses . 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/143/4/Manual%20de%20estilo%20academico.pdf MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão . Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006 | | |

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VIII |
| NOME DO COMPONENTE Corpo, Arte, Cultura e práticas educativas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 68h | TEÓRICA 64h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Prático-pedagógica em EEQ | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| <p>EMENTA</p> <p>Estudo do corpo, arte e cultura tomando como referência as africanidades constituídas na diáspora negra em comunidades tradicionais. As referências teórico-políticas constituídas pela intelectualidade negra, pelos/as mestres/as dos saberes de comunidades negras no Brasil e suas proposições sobre corpo, arte e cultura para o campo da educação. Racismo estrutural no Brasil, o trato da lei 10.639/03 e a afirmação dos protagonismos artísticos e culturais afro-brasileiros como referências prioritárias de afirmação dos legados nas práticas educativas. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>SILVA, Givânia M. da; SILVA, Romero A. de A.; DEALDINA, Selma dos S.; ROCHA, Vanessa G. da. Educação quilombola: territorialidades, saberes e lutas por direitos. São Paulo, Jandaíra, 2021.</p> <p>NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa. São Paulo, Ubu Editora, 2022.</p> <p>hooks, bell. Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2022.</p> | | |

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2017. 160p.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da diáspora negra ao território de terra e águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA**. Curitiba: APPRIS, 2022.

SANTOS, Maria B. dos (Mam'etu Kafurengá). **Pedagogia do Terreiro: experiências da primeira escola de religião e cultura de matriz africana do Baixo Sul da Bahia**. Simões Filho: Kalango, 2019.

WLAMYRA, Albuquerque; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320p.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VIII |
| NOME DO COMPONENTE Seminário de Conjuntura, Socialização e Vivências VII | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 34h | TEÓRICA 34h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 34h | | |
| NATUREZA Obrigatória | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |

| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO |
|---|--------------|
| <p>EMENTA Conjuntura Quilombola no Brasil. A Questão Quilombola na Mídia. Ações Coletivas Quilombolas. Seminário de Socialização do tempo comunidade. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | |
| <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>ARRUTI, José Maurício. Panorama Quilombola 2021. Campinas, São Paulo - UNICAMP, BBCCI, 2022.</p> <p>COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS; TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência contra quilombos no Brasil. Curitiba: Terra de Direitos, CONAQ, 2018. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola CONAQ Terra-de-Direitos FN WEB.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.</p> <p>DEALDINA, S. dos S. (org.). Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.</p> | |
| <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília. MEC/SECAD, 2008. p. 151-168.</p> <p>NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.</p> <p>SANTOS, Antônio Bispo dos, Colonização, quilombos: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado. UNB, 2012.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da; <i>et al.</i> Educação Quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Brasília, Editora Jandaíra, 2021.</p> | |

COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
|-------------------------|--------|------------------|
| NOME DO COMPONENTE | | MÓDULO DE ALUNOS |
| | | |

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| Afrofuturismos e Educação Quilombola | | 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA O componente visa atender às especificidades da educação quilombola, como seu contexto muitas vezes campesino e ligado às tradições afrobrasileiras, e a necessidade de se reconhecer, criar e projetar tecnologias de presenças de pessoas negras na construção de mundos não coloniais. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA Elebogi, Otun; Esdras, Maestro. Demotape Afrofuturismo . Revista Sísifo. N° 11, Janeiro/Junho 2020. ISSN 2359-3121. : www.revistasisifo.com NOGUERA, Renato. “ Antes de saber pra onde vai, é preciso saber quem você é ”: tecnologia griot, filosofia e educação. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2 (2019), pp. 258-277. SANTOS, Antonio Bispo, “ Somos da terra ”. <i>PISEAGRAMA</i> , Belo Horizonte, número 12, 2020, p. 44 - 51 SANTOS, Antônio Bispo dos, “ Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos ”, <i>Indisciplinar</i> , [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52–69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241 . Acesso em: 10 jul. 2021 | | |

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DELANY, S. R. “**A necessidade de amanhã**”. Trad. Juliana Berlim. In: Afrofuturismo.

Revista Ponto Virgulina, Edição Temática #1, 2020.

ESHUN, Kodwo. Captura de Movimento (entrevista). Trad. Stella Paternian. Revista Ponto Virgulina, Edição Temática: Afrofuturismo, 2020, pp. 216-243.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. **Ciência, Tecnologia e Inovação Africana Afrodescendente**. São Paulo: **Bookess**,2014.

SILVA, TARCÍZIO (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. Editora LiteraRua São Paulo, 2020.

SOUZA, Esdras Oliveira de; ASSIS, Kleyson Rosário. **Afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educatiiva antirracista**. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 6: 64-74, Jan./Dez. 2019

| | | |
|--|--|--------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Etnografia dos Povos Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |

| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO |
|--|--------------|
| EMENTA Discutir através da Etnografia a formação dos territórios quilombolas no Brasil. Abordar as definições, mobilizações e alcances sociais e culturais dos Quilombos por meio das análises etnográficas. Plano de Estudo do Tempo Comunidade. | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARRUTI, José Maurício Andion. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola . Bauru, SP: EDUSC, 2006. FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs). Brasil afro-brasileiro . Belo Horizonte: Autêntica, 2000. SOUZA, Ana Lucia Silva (org). Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência . São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 425 p. | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR AUSTER, Tania; TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar (Orgs.). Etnografia e educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis . Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. PEREIRA, Amílcar Araujo (org). Narrativas de (Re)Existência: antirracismo, história e educação . Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2021. MACEDO, Dinalva de Jesus Santana. Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado da Bahia (Tese de doutorado). Salvador: UNEB, 2015. NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil . São Paulo: Selo Negro, 2008. O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). O fazer antropológico e o reconhecimento de direitos constitucionais: o caso das terras de quilombo no Estado do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro: E-papers, 2012. | |

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Formação Territorial dos Quilombolas na Bahia | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conhecimentos acerca das bases teóricas que fundamentam a formação territorial do Brasil, tendo como eixo principal o estado da Bahia como o território que propicia a formação dos quilombos no passado e no presente. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ALBUQUERQUE, Wlamira R. de. FRAGA FILHO, Walter. Uma História do Negro no Brasil . Salvador, Centro de Estudos Afro Orientais, Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006. DEALDINA, Selma dos Santos (Org). Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas , São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). Liberdade Por Um Fio: História dos Quilombos no Brasil , São Paulo, Companhia das Letras. 1996. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR AMORIM, Itamar Gomes; GERMANI, Guiomar Inez. Quilombos da Bahia: presença incontestável. Anais do X Encontro de Geógrafos da América | | |

Latina – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005

BOMFIM, Alexandre Gonçalves do Bonfim e ADAN, Caio Figueiredo Fernandes, Poder, Política e Administração na Bahia Colonial: Elementos para a Compreensão do Processo de Formação Territorial da Bahia (Séculos XVI-XVIII), **Sitientibus**, Feira de Santana, n.46, p.23-34, jan./jun. 2012.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala: (quilombos, insurreições, guerrilhas)**. São Paulo, SP: Edições Zumbi, 1950.

MIRANDA, Eduardo O. **Educação Afro-Brasileira: Encruzilhadas das Experiências Culturais**, Kawo Kabiyesile, 2015.

RÊGO, Josoaldo. L. e ANDRADE, Maristela P. História de Mulheres: Breve Comentário Sobre o Território e a Identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. **Agrária**, São Paulo, N° 3, p. 47-57, 2006.

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Tópicos Especiais em Educação Quilombola | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |

Estuda Temáticas emergente relacionadas a Educação Quilombolas. Diretrizes para Educação Escolar Quilombola. Movimento Quilombola e a luta pela Educação Escolar. Experiências comunitárias de Educação Escolar Quilombola. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – ABA. Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais (Rio de Janeiro, 17-18 de outubro de 1994). **Boletim Informativo NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas / Fundação Cultural Palmares** – v. 1, Florianópolis: UFSC, 1997, pp. 81-82. Disponível em: <http://nuer.ufsc.br/files/2014/04/m-mgpefhgnff_boletim_nuer__1.pdf>. Acesso em: 30 out. 2014.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e história do processo de formação quilombola, 2006. Bauru: Edusc/ANPOCS.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RESOLUÇÃO Nº 8, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012. Resolução CNE/CEB 8/2012, que Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26.

NASCIMENTO, Abadias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, pp 107-142.

MOURA, Clovis. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Conquista, 1972.

NORONHA, Suely. **Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular**. 112f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2015.

ARRUTI, José Maurício. "Quilombos". In: Osmundo Pinho (org), **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Salvador: ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

| | | |
|---|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Tópicos Especiais em Educação Afro indígenas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Estudos das perspectivas de educação dos povos e comunidades tradicionais afro-brasileiras e indígenas no contexto baiano e brasileiro. Cosmologias, ancestralidades, território, modos de ser e fazer, práticas educativas afro-brasileiras e indígenas. Os protagonismos comunitários para o trato da lei 11.645/08 no Brasil e suas compreensões de educação. As lutas e disputas contra o racismo epistêmico e estrutural. A branquitude como sistema de dominação no campo da educação. A organização de práticas pedagógicas | | |

antirracistas. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 104p.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

SANTOS, Antônio B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, 112p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2017. 160p.

RIBEIRO, Maria M. A. (Mayá). **A escola da reconquista**. Arataca, BA: Teia dos Povos, 2021.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da diáspora negra ao território de terra e águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA**. Curitiba: APPRIS, 2022.

SANTOS, Antônio B. dos; RODRIGUES, Maria S.; RUFINO, Luiz; MUMBUCA, Ana. **Quatro cantos**. n-1 edições + roça de quilombo, 2022.

SANTOS, Maria B. dos (Mam'etu Kafurengá). **Pedagogia do Terreiro: experiências da primeira escola de religião e cultura de matriz africana do Baixo Sul da Bahia**. Simões Filho: Kalango, 2019.

| | | |
|--|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Direitos das Comunidades Tradicionais e Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS | | |

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Direitos das Comunidades e povos tradicionais no Brasil. Das comunidades camponesas às comunidades e povos tradicionais. Convenções, leis e tratados. Ameaças e investidas. Terra, território e territorialidade. Diversidade, resistências e singularidades. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA DALOSTO. Cássius Dunck. Políticas públicas e os direitos quilombolas no Brasil . Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. O'Dwyer, Eliane Cantarino (org). Quilombos: identidade étnica e territorialidade . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. ROCHA, Julio Cesar de Sá da; SERRA, Ordep (orgs). Direito ambiental, conflitos socioambientais e comunidades tradicionais . Salvador, Edufba, 2015. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS, Cristina. Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais . São Paulo: SBPC, 2021. LEITE Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica . V. 4. N. 2. Lisboa, 2000. LITTLE, Paul. 2002. "Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma | | |

antropologia da territorialidade”. **Série Antropologia** nº 322 (Brasília: DAN/UnB).

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional**. Manaus: UEA, 2007.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Semear novas soluções. Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Educação Ambiental em Comunidades Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Educação Escolar Quilombola e a Educação Ambiental, a partir das expectativas e realidades da construção de uma ecologia de saberes. A análise | | |

qualitativa dos dispositivos legais que regulamentam a educação escolar quilombola e a educação ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 104p.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SANTOS, Antônio B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, 112p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, Vania Rita Donadio. **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Educação ambiental no contexto escolar: saberes e práticas docentes**. Salvador: EDUNEB, 2009.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004.

LEFF, H. **Epistemologia ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da diáspora negra ao território de terra e águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA**. Curitiba: APPRIS, 2022.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Do quilombo à escola: os efeitos nefastos das violências sociais silenciadas**. 2008. 130 fls. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

| | | |
|--|-----------------------|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Cartografias Sociais e Mapeamentos de Territórios Quilombolas | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |

| | | | |
|--|--|--------------------------|------------------------------------|
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD | |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO | |
| EMENTA Desafios para organização política das comunidades quilombolas no Brasil. A elaboração de Cartografias Sociais como instrumento de mobilização. Luta pela terra e território. Reflexões sobre os procedimentos de titulação de terras quilombolas. Reconhecimento e titulação das terras. Usos de Cartografias Sociais. | | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de quilombo, terras indígenas, "babaçuais livres", "castanhais do povo", faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: FUA, 2006. ACSELRAD, Henri (Org.). Cartografias sociais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate . Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010. NUNES, Patrícia Portela. Mapeamentos Participativos: Experiências em cartografia social e constituição de sujeitos em conflitos ambientais . Rio de Janeiro: ETTERN/IPPUR/UFRJ, 2008. | | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ALMEIDA, A. W. B. de. Os quilombos e as novas etnias: É necessário que nos libertemos de definições arqueológicas . Vitória: ABA, 1998. Mimeografado. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). A guerra dos mapas . Belém: Falangola, 1993. | | | |

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e história do processo de formação quilombola, 2006. Bauru: Edusc/ANPOCS.

CARVALHO, J. J.; DORIA, S. Z.; OLIVEIRA JR., A. (Org.). **Quilombo do Rio das Rãs: história, tradições, lutas**. Salvador: EDUFBA: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1996.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Associativismo e Tecnologia Social | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Conceitos e Características do Associativismo e Tecnologia social. Importância das associações e o desenvolvimento das Tecnologias sociais para as Comunidades Quilombolas. Tipos de cooperativas, legislação cooperativa, conceito de economia solidária. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Bases conceituais em pesquisa, desenvolvimento e inovação: implicações para políticas no Brasil**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), 2010.212 p.

FBB. Fundação do Banco do Brasil. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento** / Fundação Banco do Brasil – Rio de Janeiro, 2004.

MORIN, Edigar. **Ciência com consciência**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 344 p.

SINGER, P. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.139p.

KRAYCHETE, Gabriel. AGUIAR, Kátia (Orgs). **Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação**. São Leopoldo: OIKOS, 2007.

MELLO, R. B. DE; PINHEIRO, K. R. **Conhecendo Melhor as Associações: Uma introdução ao tema**. 2009. ed. São Paulo: Editora Baraúna, 2009. v.1.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABRANTES, J. **Associativismo e Cooperativismo: como a união de pequenos empreendedores pode gerar emprego e renda no Brasil**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

KRAYCHETE, G; CARVALHO, P (Coord.). **Economia popular solidária: indicadores para a sustentabilidade**. Porto Alegre: tomo Editorial, 2012.152 p.

MELLO, R. B. DE; PINHEIRO, K. R. **Conhecendo Melhor as Associações: Uma introdução ao tema**. 2009. ed. São Paulo: Editora Baraúna, 2009. v.1.

RECH, D. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Rio de Janeiro: FASE, 2001.

SINGER, P. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

| | | |
|--------------------------------|---------------|------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
|--------------------------------|---------------|------------------------|

| | | |
|--|--|-------------------------------|
| NOME DO COMPONENTE Literatura Arte e Culturas Afro-brasileiras | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA História da literatura e cultura afro-brasileira. Discussões sobre a produção literária e cultural de artistas e autores/as afrodescendentes. A cultura negra como catalisadora de lutas sociais e processos de resistência. a cultura afro-brasileira e literatura, como forma de construir conhecimento e uma didática plural no Ensino básico. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA BERND, Zilá.. Introdução à literatura negra . São Paulo: Brasiliense, 1988. CUTI, Luiz Silva. Literatura negro-brasileira . São Paulo: Selo Negro, 2010. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO . Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. MOURA, CLÓVIS. O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel : São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976. MATOS, Regiane Augusto de. História e Cultura afro-brasileira . São Paulo: Contexto, 2007. | | |

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERND, Zilá. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. **Revista Língua e Literatura**, Porto Alegre, v. 12, nº 18, p. 33-44, ago. 2010.

CAVALLEIRO, Eliana (org.). **Racismo e anti-racismo na Educação: Repensando nossa escola**. São Paulo: São Luiz, 2001.

FERNANDES, Ricardo Luis da Silva. Educar para a diversidade étnico e cultural – investigação e ação. **Revista África e Africanidades**, 2008.

MARÇAL, José Antônio. **Educação escolar das relações étnico-raciais: história e cultura afro-brasileira e indígena no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

| | | |
|--|---|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Educação Escolar Quilombola e Decolonialidade | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |

| | | |
|--|---------------------|---|
| | | - |
| PRÉ-REQUISITO | CORREQUISITO | |
| EMENTA | | |
| <p>Utiliza de aportes decoloniais para refletir sobre Educação Escolar Quilombola, apresentando conceitos, fundamentos e leituras ampliadas no que se refere ao Projeto Político-epistêmico Decolonial. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |
| <p>BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades)</p> <p>BISPO DOS SANTOS, Antonio. A terra dá, a terra quer.; imagens de Santiago PPereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.</p> <p>WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II.- 1era. edición: EdicionesAbya-Yala. - Quito-Ecuador, 2017.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR | | |
| <p>DEALDINA, Selma dos Santos (org.). Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas.- São Paulo: Sueli Carneiro :: Jandaíra, 2020. 168 p.; 21 cm.</p> <p>hooks, bell. Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade. – Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017</p> <p>KRENAK, Ailton. A vida não é útil; pesquisa e organização Rita Carelli. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.</p> <p>NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. –1ª ed.—Rio de Janeiro : Zahar, 2021</p> <p>SOUZA, Barbara Oliveira. AQUILOMBAR-SE: Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.</p> | | |

| | | |
|--|--|------------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Mulheres Quilombolas e Interseccionalidade | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA As encruzilhadas teóricas dos sistemas de opressão de gênero, raça, classe, etariedade e capacitismo e discriminação interseccional sofrida pelas mulheres quilombolas. Práticas políticas e luta pelo território de mulheres quilombolas. Biografias quilombolas e a experiência da discriminação interseccional. Os afetos e os territórios existenciais quilombolas. Antirracismo, cuidado e resistência das mulheres quilombolas. | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA ALMEIDA, Mariléia. Devir Quilomba. Antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante Editora, 2022. COLLINS, Patrícia Hill, BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boi Tempo, 2020. DEALDINA, Selma dos Santos (org). Mulheres quilombolas: Territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. | | |

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** Organização Alex Ratts. –1ª ed.—Rio de Janeiro : Zahar, 2021

OYÈWÚMÍ, Oyèrónké. **A invenção da mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero .** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MEZADRI, Adriana, CIMA, Justina Inês., TABORDA, Noeli Welter., GASPARETO, Sirlei Antoninha K., COLLET, Zenaide. **Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir do Movimento de Mulheres Camponesas.** São Paulo: Outras Expressões, 2020.

SLENES, Robert W. Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava.Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (orgs). **Margarida Alves Coletânea sobre estudos rurais e gênero.** Brasília: MDA, IICA, 2006.

| | | |
|---|--|-------------------------------|
| CENTRO DE ENSINO CFP | CÓDIGO | SEMESTRE VII |
| NOME DO COMPONENTE Racismo e Violência contra as Comunidades Quilombolas no Brasil | | MÓDULO DE ALUNOS 50 |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina |

| | | |
|--|--|---------------------|
| | | - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA | | |
| <p>Discussões que triangulam racismo, território e conflitos. Abordagem sobre as especificidades que definem as violências perpetradas em comunidades quilombolas. Aproximação entre antropologia da violência, violação de direitos e Quilombos no Brasil. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA | | |
| <p>ARAÚJO, E., & da SILVA, G. M. (2019). RACISMO E VIOLÊNCIA CONTRA QUILOMBOS NO BRASIL. Confluências Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito, 21(2), 196-208.</p> <p>ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo : Sueli. Carneiro; Pólen, 2019.</p> <p>PRIOSTE; ARAÚJO, Fernando; Eduardo (Orgs.). Direito Constitucional Quilombola. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 2015.</p> | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR | | |
| <p>MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra. 1 Ed. São Paulo: Dandara. 2022.</p> <p>PAOLI, Maria Célia; BENEVIDES, Maria Victoria; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DA MATTA, Roberto. Violência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p> <p>SILVA, Givânia Maria da. O Quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres: luta e resistência quilombola. 2022. 381 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.</p> <p>WALZER, Michael. Esferas da Justiça: uma defesa do pluralismo e da igualdade. Tradução: Jussara Simões. São Paulo: Martins Fontes. 2003.</p> <p>WERNECK VIANNA, L.et al.(org.). A judicialização da política e das relações sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Revan. 1999.</p> | | |

| | | |
|---------------------------------------|---------------|-------------------------|
| CENTRO DE ENSINO | CÓDIGO | SEMESTRE |
| CFP | | VII |
| NOME DO COMPONENTE | | MÓDULO DE ALUNOS |
| Quilombismo e Circulação de Afetos na | | 50 |

| | | |
|---|--|------------------------------------|
| Educação | | |
| CARGA HORÁRIA 51h | TEÓRICA 51h | PRÁTICA |
| MODALIDADE Disciplina | | CARGA HORÁRIA EAD |
| CARGA HORÁRIA DE AÇÕES EXTENSIONISTAS 51h | | |
| NATUREZA Optativa | FUNÇÃO Integradora e de Vivências | TIPO Disciplina - |
| PRÉ-REQUISITO | | CORREQUISITO |
| EMENTA Aborda conceitos, fundamentos e reflexões a partir de Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento referentes ao Quilombismo como perspectiva filosófica, despertando o olhar docente para circulação de afetos em educação. Plano de Estudos para o Tempo Comunidade | | |
| BIBLIOGRAFIA BÁSICA BISPO DOS SANTOS, Antonio. A terra dá, a terra quer. ; imagens de Santiago PPereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp. NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista ; com prefácio de Kabengele Munanga ; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. – 3.ed.rev.—São Paulo : Editora Perspectiva ; Rio de Janeiro : Ipeafro, 2019. NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. –1ª ed.—Rio de Janeiro : Zahar, 2021. | | |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR NOGUERA, Renato. O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639/03 / -1. Ed.- Rio de Janeiro: Pallas : Biblioteca Nacional, 2014 hooks, bell. Vivendo de amor. P: 188-198. In.: O Livro da Saúde das Mulheres Negras:Nossos Passos Vêm de Longe. (org.) Jurema Werneck, Maisa | | |

Mendonça, Evelyn C.White. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.**-2.ed.- Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.**- Português:Odysseus, 1997

SOUZA, Barbara Oliveira. **AQUILOMBAR-SE: Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro.** 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
